

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ♦ EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES ♦ OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - VILA R. S. ANTÓNIO  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 - VILA R. S. ANTÓNIO - TELEF. 254 ♦ LISBOA - TELEF. 361839 ♦ FARO - TELEF. 875 ♦ AVULSO 1950

## SENTIMENTO DE DESINTERESSE

Por mais que nos queiramos convencer do contrário, não há dúvida que é manifesto o sentimento de desinteresse por muitas coisas que se nos afiguram de interesse vital, tão vital, tão oportuno que a renúncia a esse interesse corresponde a uma decadência irremediável das instituições e daquilo que elas representam. Sintoma apavorante é o afastamento cada vez mais acentuado dos indivíduos por aquilo que simboliza o interesse comum. Chega-se a ter a impressão de que estamos em face de sapedores cujo maior empenho é aprofundar a vala de separação. Ao nosso entusiasmo, à nossa esperança, ao nosso empenho no engrandecimento das nossas terras, opõem-se a frieza glacial e conceitos de uma dureza granítica; — Que temos nós com isso?! Nunca fomos ouvidos nem achados! De resto na conjuntura actual cada um governa-se.

Não queremos averiguar quais os adubos que fertilizam esta frondosa e sombria árvore da descrença mas sentimos que a sua copa cada vez ganha maiores dimensões e que a sombra que espalha é fria e inquietante. E isto entristece-nos porque nós, em oposição àqueles que se julgam demitidos de toda a responsabilidade no progresso ou na decadência das suas terras, ainda esbracejamos por sobre-nadar neste oceano de apagada e vil tristeza. É que nos recusamos a aceitar o acaso oferecido pelos pessimistas que se limitam a comentar: — Que temos nós com isso?!

Quando se atinge tal estado de espírito tem que se admitir a existência de uma anormalidade psíquica que oferece perigos visto que ela implica com a disciplina que regula uma colectividade e zela pelos seus interesses. Estamos assim a modos que em face de uma tripulação a quem já não preocupa o destino do seu navio. Tanto se lhe dá que ele navegue, que ele se desfaca contra os escolhos. É um estado de espírito suicida, de negação total, profundamente desolador — e trágico.



O triunfo de um grande ciclista. Ovacionado pela multidão, Jorge Corvo sobe as escadarias do edifício para no Podium receber as homenagens pela sua grande vitória.

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

## JORGE CORVO E A EQUIPA DE PORTUGAL ELEVARAM BEM ALTO O CICLISMO LUSITANO EM TERRAS DE VERA CRUZ, VENCENDO MARAVILHOSAMENTE A II VOLTA CICLISTA INTERNACIONAL DO ESTADO DE S. PAULO

(Fotos da «Gazeta Esportiva»)

Reportagem de HORÁCIO NEVES BACELADA

SÃO PAULO (Brasil) — via Panair — Desde o início da chegada da equipa portuguesa, criou-se um ambiente de esperançosa expectativa entre todos os portugueses aqui radicados e que conheciam o valor dos elementos que a integravam.

Jorge Corvo, do Ginásio de Távira; Alcino Rodrigo, do Benfica, Sousa Cardoso e Mário Sá, do F. C. Porto e Laurentino Mendes, do Ovarense, formavam a equipa lusitana, unida e coesa sobre a qual se voltava a atenção também de muitos outros corredores participantes e de técnicos conhecedores de ciclismo. Nós, os algarvios, depositávamos particulares e bem fundadas esperanças na actuação de Jorge Corvo que havíamos começado a ver correr na pista do Ginásio de Távira e nas estradas do Algarve e depois por todo o Portugal, indo também além fronteiras, Península afora, em busca de bons títulos e melhor experiência.

Assim havia a certeza de que teríamos todos nós uma grande satisfação. Por isso quando ao meio dia do dia 13 de Julho a sereia de «A Gazeta» dava o sinal de partida, do mesmo lugar donde portugueses partiram também para cobrir-se de glória no pedestrianismo, como Manuel Faria, ficámos

(Conclui na 6.ª página)



No Podium colocado no hall do grande edifício da «Gazeta», ainda em construção e que terá mais de 50 andares, Jorge Corvo recebe os louros da vitória do sr. Carlos Joel Neill, director da «Gazeta Esportiva» e general Ivanhoé Martins, secretário da Segurança Pública do Estado de S. Paulo.

## OS ALGARVIOS E O TURISMO

por LUÍS FRANCO

USE todos os algarvios pressentiam que a sua Província possuía condições ideais para utilização como zona turística; porém, esquecida, descurada de qualquer «plano», não ensaiara, até há pouco, nenhuma «experiência» digna de nota.

Subitaneamente é despertada, é vislumbrado um «maná» de negócios de terrenos, com fundamento no natural afluxo turístico, processa-se a corrida capitalista ou especulativa. Conhecemos a euforia na compra e venda de propriedades, chegando a transaccionar-se as de outrem, mercê de subterfúgios, na ânsia de entesouramento fácil e rápido!...

O fenómeno turístico não era conhecido a maior parte dos algarvios e continua a não ser devidamente interpretado por uma grande percentagem. Entretanto, algumas «operações» são perfeitamente justificáveis. A crise agrícola e industrial é latente, e para muitos a venda de um terreno em

(Conclui na 7.ª página)

## A FÁBRICA DE CIMENTO NO ALGARVE

SEGUNDO nos consta, a fábrica de cimento que a Companhia de Cimento Tejo projecta instalar na nossa Província será localizada na freguesia de Moncarapacho.

Como se trata de uma indústria que apresenta o grave inconveniente da poluição da atmosfera, espalhando poeira finíssima numa vasta zona, esperamos que a localização da fábrica se verifique o mais distante possível de qualquer povoação e de campos de cultura.

Esse favor pedimos à companhia empresária da nova unidade fabril.

## O PREGOEIRO ALGARVIO SUCESSOR DO "MUEZZIN"

por AUGUSTO DE MATTOS

DE todas as vezes que, no intuito de conseguirmos assunto para uns artigos, exploramos o nosso Algarve, depara-se-nos sempre um ou outro aspecto mais ou menos pitoresco.

Não é que a Província possua unicamente bons e belos elementos. Como em todas as outras, eles existem bons e maus, belos e não. Simplesmente, habituámo-nos a ver mais o lado bom e belo. Desta última qualidade, então, foi no Algarve que notámos maior abundância.

E no Algarve que, de uma maneira inigualável, a rudeza da dura vida do povo («espantosamente magníficas», nos olhos de quem a não partilha) se liga ao encanto mágico e especial que, do ambiente

(Conclui na 5.ª página)

Que tal acham esta fresquíssima colaboradora das operações stop agora tão em voga em Portugal?

## O espectáculo inaugural do I Festival do Algarve foi transferido para o dia 18

REAJUSTAMENTOS do programa, forçaram a adiar para o dia 18 o espectáculo inaugural do I Festival do Algarve, o qual se realizará no castelo de Silves. O programa é o seguinte: I parte — Poemas árabes traduzidos para português de poetas que nasceram, viveram ou cantaram o Algarve nos séculos X, XI, XII e XIII entre os quais Iben Darrague, Iben Ammar, Iben Habibe, Mehomed Iben Sálbe, etc., com música árabe. Poemas ditos por Manuel Couto Viana e Manuela de Freitas, José Carlos Ary dos Santos, João Pires, Norberto Barroca. Encenação de Inês Guerreiro e Ary dos Santos; adap-

(Conclui na última página)

## Enquanto nós olhamos o mar os espanhóis activam as suas pescarias

ENQUANTO em Portugal as limitações para a pesca criam embaraços às actividades respectivas, enquanto aqui no Algarve quase não há peixe para comer, os vizinhos espanhóis, isentos dos embaraços que tolhem a actividade da pesca, que o mesmo é dizer a economia da Nação, lançam-se em desafogados empreendimentos. Leia-se este comunicado da Agência Efe:

JOHANNESBURGO — Acaba de constituir-se uma grande companhia pesqueira, mediante o consórcio de

(Conclui na última página)

## NOTA da redacção

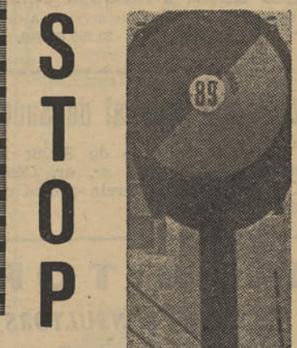
PROBLEMAS DO ENSINO...

COM o louvável intuito de cortar pela raiz a vergonha que constitui o elevado índice de analfabetismo no nosso País foram criados, por toda a parte, cursos de educação de adultos, cujos frutos já começaram felizmente a fazer-se notar.

Paralelamente, dão-se casos que nos deixam profundamente desgostosos e admirados pois, aparentemente, parecem estar em contradição com aquilo que, precisamente, se deseja — que acabem os analfabetos neste País.

Vem isto a propósito de uma carta recebida na nossa redacção e enviada por um leitor de Joios — São Marcos da Serra. Diz o nosso correspondente: «Em 1953 foi criado neste sítio um posto de ensino primário, o qual funcionou até 1962, chegando a atingir uma frequência de 40 alunos (1.ª a 4.ª classes). O povo, quase totalmente à sua custa, tinha construído este edifício, modesto é certo, mas que tinha uma utilidade incalculável. Pois em 1962 ele foi declarado incapaz para aquela função, foram-lhe retiradas portas e janelas para fins que nada têm com o ensino, e toda a gente, alunos e professores, foi transferida para outro edifício, que pouco tempo serviu por ser muito pior do que o primeiro. Hoje as crianças não têm escola para frequentar porque a sede da freguesia fica a seis quilómetros e os postos escolares mais próximos estão superlotados.»

Perante esta carta só nos resta dizer que há aqui qualquer coisa que não está bem — e é tudo!

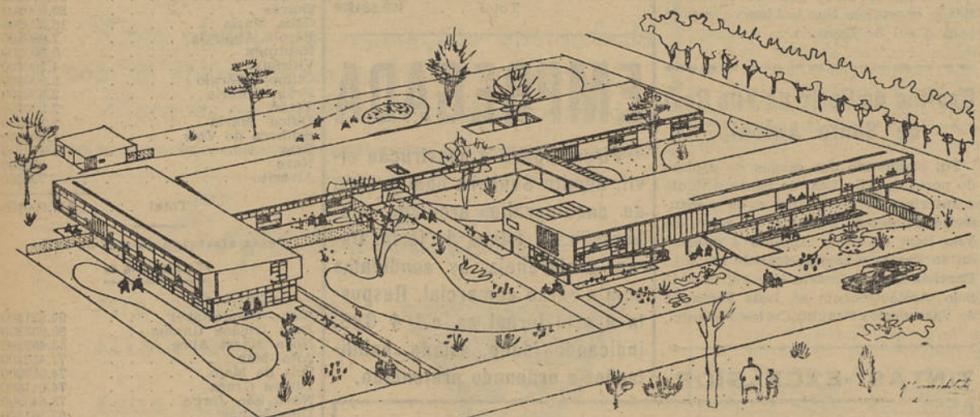


A saúde é a maior riqueza

SEDE E BEBIDAS ALCOÓLICAS

As bebidas alcoólicas não mitigam a sede e intoxicam o organismo, enfraquecendo as defesas naturais contra as infecções, defesas essas que nenhum medicamento pode substituir.

Para matar a sede, use água, leite e sucos de frutas.



## Porque não se concretiza a construção do Centro de Assistência Social Polivalente de Vila Real de Santo António?

ANUNCIADA desde há longos anos, cerca de dez, segundo cremos, a construção em Vila Real de Santo António do Centro de Assistência Social Polivalente e embora em cada dia que decorre mais se lhe sinte a falta, nada vemos que para breve deixe prever tal construção, animando-nos a esperá-la com algum optimismo.

Vivendo essencialmente da indústria de conservas de peixe, com as fábricas a distribuírem trabalho por largas centenas de humildes operários que com seus familiares somam milhares de pessoas entre as quais, naturalmente, se conta elevada percentagem de crianças, não tem a Vila Pombalina qualquer instituição de assistência directa à infância, o que, como se depreenderá, é fonte de sérias e continuas preocupações.

Se, por um lado, um filho doente, mesmo sem gravidade, é motivo bastante para que a mãe não pos-

(Conclui na 3.ª página)

## CONCURSO DE CONSTRUÇÕES NA AREIA

SEMELHANÇA dos anos anteriores, val o nosso prezado colega «Diário de Notícias» realizar o concurso de construções na areia.

No Algarve as provas efectuam-se em Setembro, no dia 11, às 11 e 30, em Monte Gordo; dia 14, às 15 e 30, na Praia da Rocha, e dia 16, às 16 e 30, em Armação de Pêra.

## Alguns poemas do taviense Abu Otmane ben Hácame Alcoráixi que morreu num naufrágio em Argel

ESCRITOR e culto arabista dr. José Garcia Domingues, algarvio de boa cepa, jornalista como nós e nosso estimado amigo, teve a gentileza, que lhe agradecemos, de com a carta amável (que é um pedaço da história antiga do Algarve) que a seguir publicamos, nos remeter alguns poemas desconhecidos de um nosso comprovinciano que vêm muito a propósito por motivo das cortes poéticas que vão celebrar-se na velha capital árabe do Al-Gharbe. Agradecemos-lhe a deferência e o contributo que

(Conclui na 10.ª página)

NAS FERIAS DO TOTOBOLA  
JOGUE NA LOTARIA  
**CAMPIÃO**  
SEMPRE PREMIO GRANDES



# Porque não se concretiza a construção do Centro de Assistência Social Polivalente de Vila Real de Santo António?

(Conclusão da 1.ª página)

sa deixar a sua casa, a fim de comparecer ao trabalho, sujeitando-se às complicações que tal falta de comparência irá trazer ao mingua do orçamento doméstico, não poderá também, por outro lado, menosprezar-se o abandono a que, dia a dia, têm de ser votadas as crianças, sem ninguém que as recolha ou lhes assista, para que os pais não deixem de ir granjeando os meios de subsistência. Quem avale os perniciosos efeitos que esse abandono, durante dias inteiros, pode provocar na mentalidade juvenil, levando muitos garotos a enveredarem por rumos em extremo nocivos à sua normal formação de homens capazes e honestos, através da mendicância, da vadiagem e até da rapinice, não poderá alhear-se a problema de tanta transcendência.

Seriam estas algumas das lacunas a preencher com resultados positivos pelo Centro de Assistência Social Polivalente, entre muitas outras que a sua própria função e natureza, em adequadas instalações, ajudariam a suprir, criando-se assim perspectivas bem melhores que as que actualmente se desdobram no campo assistencial em relação ao pessoal fabril de Vila Real de Santo António.

Folheando a colecção do *Jornal do Algarve*, parece-nos oportuno respirar de um dos seus primeiros números, com mais de 7 anos, um pouco do que acompanhando minuciosa descrição das instalações e vantagens do Centro, já nessa altura se dizia:

«Vai ser construído, finalmente, o Centro de Assistência Social Polivalente, obra de grande benefício para a classe mais pobre e desamparada...»; «A ideia da criação do Centro de Assistência Social partiu do sr. dr. Agostinho Pires, quando governador civil do nosso Distrito, e foi entusiasticamente secundada pelo sr. dr. Brito da Mana, delegado do Instituto Maternal no Algarve»; «...o custo da obra está avaliado em cerca de 1.800 contos e conta-se, para lhe fazer face, com a comparticipação do sr. ministro das Obras Públicas, com o auxílio substancial que a Câmara Municipal já votou em sessão, com uma dádiva importante do Grémio dos Industriais de Conservas do Sotavento e certamente com a ajuda do sr. subsecretário da Assistência, sempre pronto a acarinhar obras desta projecção social». De há muito que o projecto do Centro, do architecto algarvio sr.

Manuel Gomes da Costa (Rebocho), se encontra concluído e mereceu a aprovação das instâncias superiores, que também lhe reconheceram a necessidade. De há muito que o Município vila-realense reserva nos seus orçamentos umas centenas de contos para o efeito. Uma vez construído, o Centro Polivalente disporia da experiência e orientação do Centro de Assistência de Nossa Senhora da Encarnação, cuja exemplar actividade há bastantes anos se vem impondo e que aos pobres da Vila Pombalina e de Monte Gordo tem regularmente prestado assinaláveis benefícios, mas cuja acção não pode ser ampliada por falta justamente das indispensáveis condições que em si reúne um Centro Polivalente. Porque não se congregam então todas as boas vontades, procurando junto dos poderes públicos que deles venha o almejado impulso para o começo da utilíssima obra?

Com a construção do Centro e a do Asilo para Velhos e Indigentes, também grandemente necessário e que sabemos estar caminhando para a concretização graças ao esforço e interesse com que ao assunto se vem devotando o benemérito vila-realense sr. dr. Alonso Vasquez, dar-se-ia o passo apreciável, quer no aspecto assistencial, quer no da eliminação da mendicância em Vila Real de Santo António. — P.

## ENSINO NO ALGARVE

### Técnico

Por conveniência urgente de serviço foi nomeado contra-meestre provisório de serralaria, na Escola Técnica de Tavira, o sr. Isidoro Francisco de Paula Murtinha.

### Primário

Encontram-se vagos, os seguintes lugares em escolas: masculinos: 1.º lugar, da escola n.º 1 de Olhão e Sagres, Vila do Bispo; femininos: 5.º lugar da escola n.º 2 de Faro, 4 da escola n.º 2 de Portimão e 1.º da escola n.º 4 de Vila Real de Santo António; mistos: Pereiro (Alcoutim) e Areal Gordo, Sé, Faro; e os postos escolares de Alcaria Nova, (Alcoutim), Agua Velha (Silves), Corte Feral (S. Marcos da Serra, Silves), Vale Longo (S. Bartolomeu de Messines, Silves) e Malhada do Judeu (Tavira).

— Foi autorizada a contrair matrimónio com o sr. Jorge da Silva Gaspar, a professora sr.ª D. Luísa Maria Maneta, do quadro de agregados de Faro.

## MONITOR

# António Costa Soares

## TÉCNICO DE RÁDIO E TV

Com oficina de reparações apetrechada com a aparelhagem mais moderna.  
Marquês de Pombal, 23-LAGOS-Algarve.

# Esquentadores

ESTA FAMOSA MARCA  
ALEMÃ QUER DIZER:

ÁGUA QUENTE  
PARA TODA A GENTE,  
RÁPIDA E BARATA

A GÁS LÍQUIDO  
(BUTANO OU PROPANO) DESDE 1.850\$00

# Junkers

Gerente:

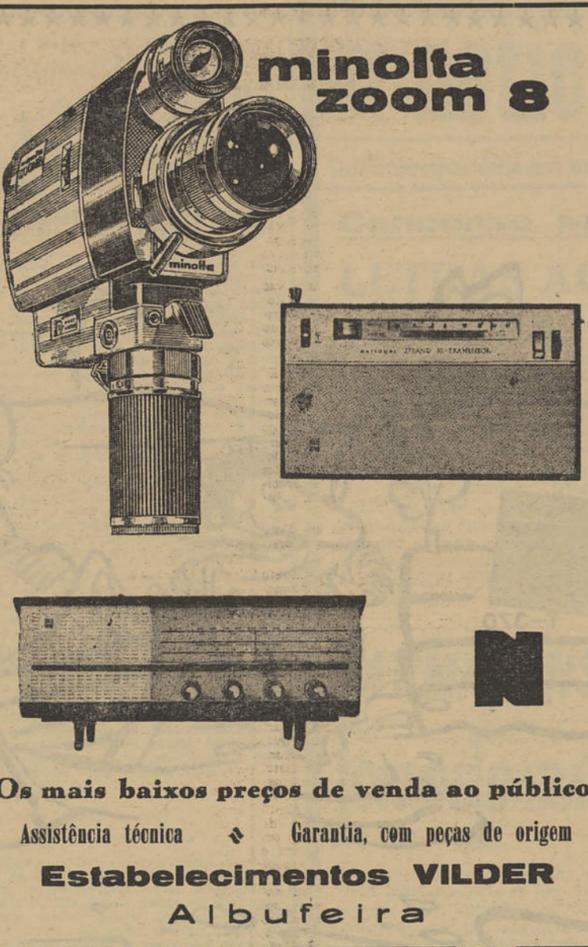
- Óptimo funcionamento à pressão normal ou com pequenos depósitos a 1 metro.
- Economia resultante dos seus queimadores especiais.
- Impossibilidade de explosão devido aos seus dispositivos de segurança.

EXIJA O SELO DE GARANTIA DOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS  
SILVEIRA & SILVA, LDA.  
RUA DA CONCEIÇÃO, 17-2.º - LISBOA - TELEF. 327475

A VENDA:

Nos Agentes das Companhias  
Distribuidoras de Gás



**minolta zoom 8**

**Os mais baixos preços de venda ao público**

Assistência técnica e Garantia, com peças de origem

**Estabelecimentos VILDER**  
Albufeira

# O PREGOEIRO ALGARVIO SUCESSOR DO "MUEZZIN"

(Conclusão da 1.ª página)

soltam-se de sob cada um dos nossos passos e deslizam, bailando, diante de nós como moirinha que, amante da sua terra, nela se tivesse conservado, não obstante a implacabilidade dos séculos!

Foi precisamente um costume, com uma base bastante provável na tradição, que nos chamou a atenção e deu assunto para estas linhas.

Na companhia de um casal francês (nossos primos, por sinal) percorríamos cuidadosamente, com ar de miúdos a quem houvessem calçado sapatos novos, as ruínas de uma pequena vila algarvia.

Houve quem, reparando nas nossas atitudes, viesse delicadamente informar-se se teríamos nós perdido algum objecto.

«Oui, mon ami!», respondeu prontamente o nosso primo que, embora compreendia razoavelmente o Português, não gosta de pronunciar uma palavra nesta língua. «Trop difficile», costumava dizer.

O idioma é, bastas vezes, um dos maiores entraves à cultura e mesmo a civilização, quanto mais a um simples passeio turístico! Isto é facto mais que provado...!

Lá explicámos que a senhora havia perdido uma caneta e que pretendíamos encontrá-la. Perante o alvitre de: «Por que não manda apregoar?», os franceses abriram muito os olhos.

Verdade seja que nos esqueceramos completamente a existência destes pregoeiros. Embora nas cidades, onde desapareceram completamente, sejam considerados «bichos raros», são tidos como uma grande utilidade nos agrupamentos populacionais de menor importância.

Torna-se um pouco difícil concluir da origem da tão pouco conhecida profissão. Passando por sobre os arautos que, durante a Idade Média, a nossa monarquia alimentou, remontemos aos nossos antepassados muçulmanos e vamos encontrar idêntica ocupação: a de «muezzin».

Cinco vezes por dia, do último dos varandins dos altíssimos minaretes (antepassados das nossas chaminés), o «muezzin», com a ajuda de um porta-voz, chamava os fiéis de Allah à oração. Do mesmo modo — parece — eram dadas determinadas ordens ou feitos certos avisos importantes. Logo que o «muezzin» assomava

ao pequeno varandim, lançando à atmosfera as palavras que constituíam o assunto que ali o trazia, todos, inconscientemente, dirigiam o olhar para donde vinha o som. Talvez por isto, o minarete fosse rematado, na parte superior, por esferas, luas, ou quaisquer outros amuletos.

O muçulmano era supersticioso até ao exagero! Por isso, utilizava diversos talismãs. Um dos mais vulgares era um olho de carneiro, dissecado e enfiado num corde!

Os amuletos, no topo do minarete, contrariamente ao que pode parecer, não prejudicavam a estética da construção: até davam mais beleza às elegantes e rendilhadas torres.

Mas voltemos ao actual «colega» do «muezzin»: o nosso pregoeiro.

Diga-se em boa verdade, que muito pouca gente, mesmo algarvia como nós, conhece a existência de tais personagens, geralmente de aparência tão antiga como a própria tradição que continuam: Diz-se-lhes o que se perdeu e eles próprios compõem a frase a repetir através das diferentes ruas da terra.

Assim, com grande espanto dos nossos franceses, a caneta foi «apregoada» da seguinte maneira: «Quem achou! uma caneta! de senhora preta, vá a entregar! à rua M., que se cle dará as alvissas!». Apesar do estranho Português, a caneta apareceu e... daí a poucos minutos!

E, como o pregoeiro mencionado, aparecem outros, como «um chapéu de menino de palha que, outro dia, escutámos. Mas o povo compreendeu estas prosas! Aliás, viu-se: deu muito mais rápidos resultados este processo, do que o habitual papelinho afiado à porta da capelinha da vila!

Digam lá que, certos costumes antigos, não vencem o modernismo actual! — AUGUSTO DE MATTOS

## Mortos por desastre

Em Corrolos (Seixal) calu a um poço e morreu afogado José Joaquim das Doreas Santos, de 20 anos, solteiro, trabalhador, natural de Albufeira, filho do sr. Joaquim Lopes dos Santos e da sr.ª D. Leonilde das Doreas Santos, residentes naquela localidade.

Em Lagos, devido a um desastre de camioneta, morreu o ajudante de motorista sr. António Alves, casado, que deixou cinco orfãos.



**Grimaldi Siosa Lines** - SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para a VENEZUELA O PAQUETE RÁPIDO «ASCANIA» A sair de LISBOA em 1 de SETEMBRO

Primeira classe a Esc. 9.895\$00 e Terceira classe, em camarotes, a Esc. 5.690\$00 (tudo incluído)

Óptimo tratamento, criados e cozinha portuguesa // Viagens muito rápidas

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU SOCIEDADE MARÍTIMA ARGONAUTA, LDA. 72-D, Avenida D. Carlos I - LISBOA - Telef. 665054-672319

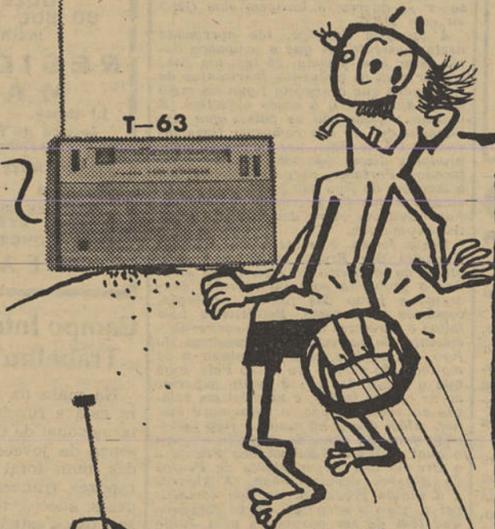
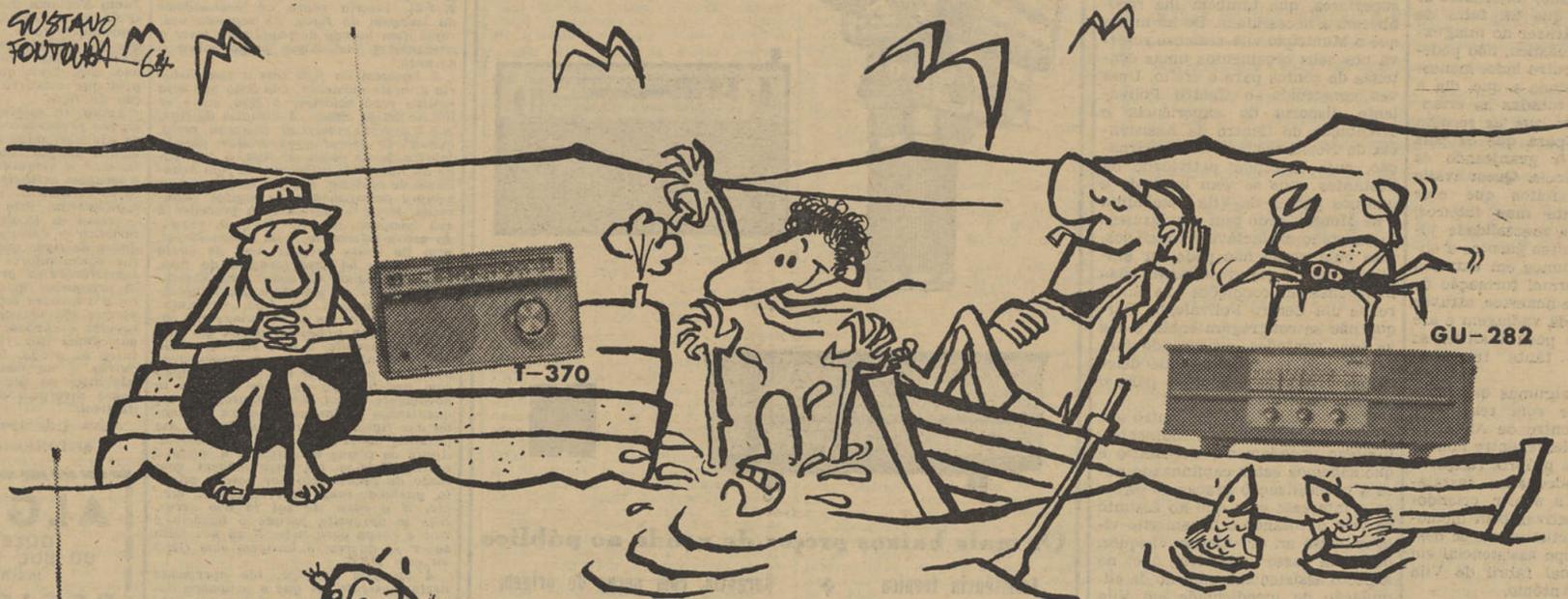
# A propósito da lavagem do figo

Acerca do artigo que transcrevemos do «Serviço Informativo da Junta Nacional das Frutas», recebemos a seguinte local:

Lá com a devida atenção às considerações que o vosso jornal n.º 383, de 25-7-64, inseriu sobre «A necessidade da lavagem do figo». Lá segunda vez, rapei dum bocadinho de papel para fazer o rascunho e eis o que penso sobre o assunto.

A lavagem do figo tem a sua história e, neste momento, não acho que seja motivo para valorizar o figo, como se diz no artigo citado. A lavagem do figo, sob o aspecto comercial, começou, creio, quando se procurou aproveitar, para a fabricação de pasta de figo, a quantidade de figo mais inferior — o figo branco ou de caideira. E como este figo vem sempre acompanhado de muitas impurezas, levou o fabricante a proceder à sua lavagem. Mas na Turquia, segundo estou informado, pois nunca lá fui, nem de conta própria nem de conta alheia, não há essa lavagem do figo como a desejada no nosso país. Contudo, partindo do princípio que é necessária a lavagem do figo, pergunto: onde se encontram as máquinas que satisficam, por completo, o fim em vista? Antigamente, e esse sistema ainda continua nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por hora e minuto, gastando tanto de combustível, etc., etc. E o calor do sol já não serve. Não se aproveita porque o negócio é rico e chega para tudo. E só nos falta continuar nalgumas casas, as nossas avós passavam o figo por um pouco de água com um fiozinho de bom azeite e ia novamente ao sol. Bem encurtos e ainda quentinhos metiam-se na caixa destinada aos figos. E quando chegava o dia de Maio ainda se comiam figos desses. Agora as coisas mudaram e a moda é outra. Fala-se em aparelhagem com tanto de rendimento por

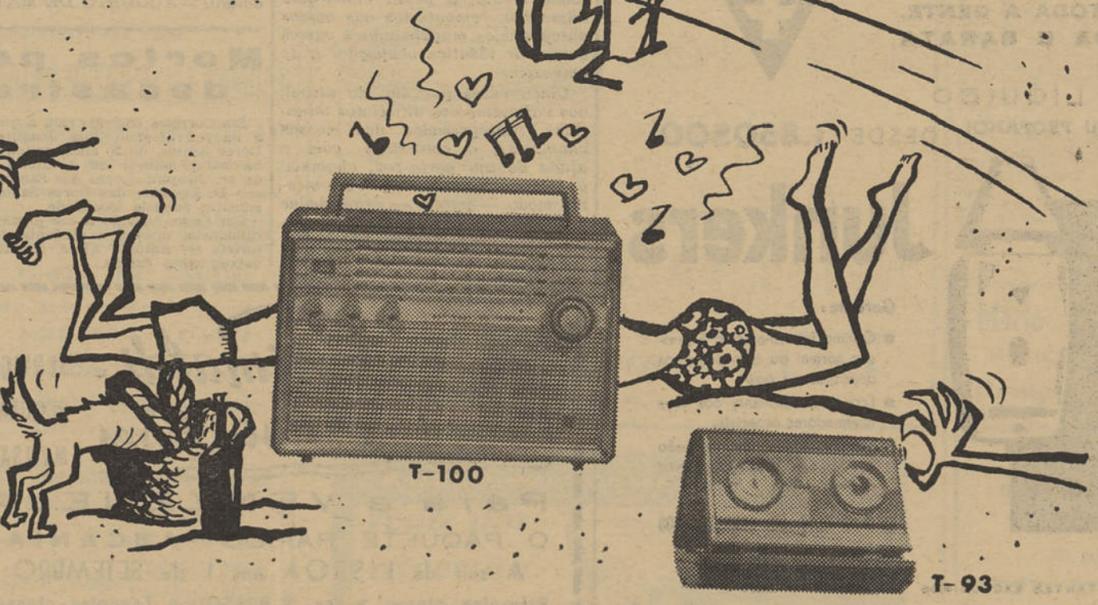
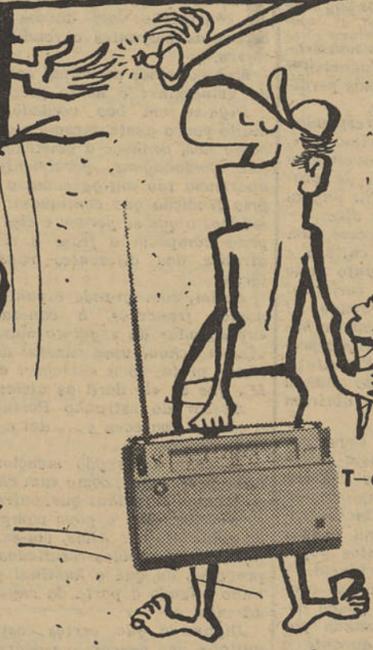
†a  
GUSTAVO  
FONTOURA 64



**National**

a maior fábrica  
de rádios  
transistorizados  
do mundo

Distribuidores: **Sonipol**  
AV. 5 DE OUTUBRO, 15-1º  
Telefs: 5 84 35 - 73 50 10 - LISBOA, 1



VENDEM-SE

1 Mobília de sala, em nogueira, estilo D. João V (com 14 peças).
1 Candeiro em nogueira, antigo, com 7 hastes com lâmpadas;
1 Mesa de jogo, em mogno, antiga, para 6 pessoas;
1 Secretária em mogno, com tampo de correr;
1 Cadeira de braços para a mesma;
1 Armário fidejuro, em mogno, com tampo de correr;
1 Cadeira em mogno;
3 Secretárias altas para contabilidade (2 em castanho e 1 em riga);
1 Secretária alta, em nogueira, para tesouraria;
3 Bancos altos para secretária (2 em riga e 1 em castanho);
1 Máquina de escrever «Remington», grande, teclado internacional.
1 Cofre com 2 portas, 1,00 X 1,75, exterior;
1 Cofre Monobloco com uma porta, 0,85X1,30, exterior, Fábrica Portugal;
1 Balcão almofadado, em mogno, e divisórias envidraçadas com vidros martelados, para tesouraria e compartimentos;
1 Guarda vento com 2,15 de largura, em carvalho, com vidros martelados;
7 Portas de balanço, de 2 meias portas cada, em mogno, com vidros martelados e molas;
2 Divisórias em flandres, em arco, com vidros martelados.
Várias peças de lambris, em mogno.
1 Câmara de expurgo, em madeira, forrada a zinco;
Várias mesas de madeira, forradas a zinco, e respectivos bancos;
1 Escadote grande, em pinho;
4 Janelas grandes, em castanho, com vidros e postigos;
Vária madeira de pinho para vigamento e paus de eucalipto e castanho.
Arneiros, depósito água e muito material para obras de construção civil;
Balanças decimais e de prato; roldanas de ferro e madeira;
1 Motor eléctrico «Shindler» de 4 HP 1.450 r. m. (Novo);
Malas de porão e viagem;
1 Armazém com frente para 2 ruas, bem localizado, em Lagos.
Vendedor: JOÃO DA SILVA FRANCÉS — Telef. 7 — LAGOA.

Foram inauguradas duas «boites» em Albufeira

Foram inauguradas duas «boites», a «Número 7» e a «7½», criadas por iniciativa do sr. Newllie Robert, na praia de Albufeira. O acto inaugural constou de beberete, baile e variedades, incluindo uma actuação especial de Luis Guilherme. Estiveram presentes mais de 500 pessoas.

Rowenta A gasolina ou a gás O melhor isqueiro



Rowenta

Mais de cem modelos e cores diferentes O mais perfeito serviço de assistência absolutamente gratuito

REP. NOVIDADES RECONSA, LDA. Rua do Telhal, 43-2. LISBOA Telef. 366478



SEMPRE PRESENTE!

A SUA vida é um exemplo de amor à sua terra! A Fuseta, é algo que lhe é muito querido, algo que domina os seus pensamentos, algo que ocupa um lugar marcante no seu coração.

Conhecem, por certo! Sim, falamos do sr. Joaquim dos Santos Andrade, do popular e querido «pai Andrade», que há dias veio passar à sua querida Fuseta e onde foi recebido com uma espontânea manifestação de apreço, carinho e simpatia.

Es a carta: Lisboa, Julho de 1964

Minha querida Fuseta: Minha linda e eterna noiva do mar. Já cá me encontro outra vez nesta Lisboa, nesta grande urbe cosmopolita, todos os dias os dias são diferentes.

Eu regresso a Lisboa satisfeito por ter estado contigo e com os meus amigos, durante alguns dias. Mas vim também um pouco triste por ver que continuas esquecida por aqueles que se lembram de ti quando tens para dar!

Eu bem sinto as tuas dores, mas não tenho condições para as minorar! No entanto, creio que se os homens vissem bem a tua má situação não levariam muito tempo a remediar-la.

Eu posso ir mais vezes e comodamente num automóvel e não faltam os gentis ofertantes de boleias, mas confesso, muito aqui para nós, que preferio a viagem em camioneta.

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

Eu bem sinto as tuas dores, mas não tenho condições para as minorar! No entanto, creio que se os homens vissem bem a tua má situação não levariam muito tempo a remediar-la.

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

Encontra-se hoje gente de todos os matizes nas camionetas e sobretudo nestas chamadas, dos «banhos».

noticias do CONDE BARÃO

Toda a correspondência deve ser dirigida aos Armazéns do Conde Barão, Largo do Conde Barão, 42-Lisboa-2

Concurso para todos

LETRAS AO ACASO - 5.ª série

Escolha duas letras da frase representada pela gravura com o nosso nome, incluída neste texto, corte-as e cole-as num postal, modelo dos CTT ou idêntico, escreva o seu nome e morada completos, remeta-os até ao fim da semana, dia em que será aberto um envelope, que contem também DUAS LETRAS, que a coincidirem com aquelas que nos enviou, lhe dão direito a um vale de 100\$00, realizável em compras à sua escolha, nestes Armazéns. Pode remeter quantos pos-



tais quiser, mesmo depois da data indicada, pois se isso vier a acontecer, entrarão no concurso da semana seguinte. ATENÇÃO CONCORRENTES! Não aceitamos postais que não contem as letras da gravura aqui publicada ou daquela que publicamos nos impressos que estamos enviando a quem quer que os peça. Avisamos também de que as letras do título destas «notícias» não têm valor para o concurso. Esta discriminação tem de ser imposta, a fim de dar as mesmas probabilidades a todos os concorrentes.

Recorte o seu vale

Recorte o seu vale, faça as suas compras por escrito (ou pessoalmente) e envie-o para lhe ser descontado em artigos que adquira num mínimo de 100\$00; se tiver dois vales, poderão ser descontados num mínimo de 200\$00 de compras; três vales, 300\$00, etc.



Loulé... em retrato

ESTAS viagens de Quarteira para Loulé de Loulé para Quarteira, fornecem basta matéria para excelentes retratos da alma popular. Eu posso ir mais vezes e comodamente num automóvel e não faltam os gentis ofertantes de boleias, mas confesso, muito aqui para nós, que preferio a viagem em camioneta.

O NOSSO CORREIO

Atenção Golegal! Em postal de RSF, datado de 27 de Julho encontra-se em nosso poder um pedido de amostas, bem como o pedido de envio dum par de calças práticas para campo e praia. Mas quem as remeteu, esqueceu-se de indicar o nome e morada. Atenção Monchique! Em postal dos CTT, uma nossa cliente desta localidade, pela sexta ou sétima vez desde há vários meses, volta a escrever-nos com o nome morada. Sabemos que é da mesma senhora, porque já lhe conhecemos a letra, mas é impossível recordarmos do seu nome, uma vez que diariamente nos passam pelas mãos centenas de nomes diferentes, praticamente cada um de sua localidade. Portanto, é-nos impossível dar-lhe resposta na volta do correio, como nos pede...



o caminho de Tóquio



leve consigo a PHILISHAVE a máquina eléctrica de barbear que lhe proporciona uma viagem para assistir aos jogos Olímpicos

Informe-se nos agentes e revendedores PHILIPS desta maravilhosa viagem organizada pela CASA ATLÂNTICA DE VIAGENS, LDA.

Trespassa-se

Uma casa comercial (Mercearia) em Armazém de Pêra, na Rua dos Pescadores.

Trafar com Sebastião Vieira Pontes - Armazém de Pêra.

Vício de fumar

Quer perder este vício? Use o ANTI-FUMANTE ABADIAS e no prazo máximo de 15 dias, deixará de fumar. Êxito absoluto. Envie 50\$00 e este anúncio a ABADIAS, Trav. de Santa Teresa, 18-1, LISBOA-2, e receberá o produto na volta do correio. A cobrança, mais 4\$00.

VÊM AÍ OS SALDOS!

Como já vai sendo hábito, todos os anos iniciam-se no próximo dia 17 do corrente, porque 16 é domingo e 15 é feriado nacional, os sensacionais saldos dos Armazéns do Conde Barão. Como também já outro hábito, encontrarão artigos de sensação, por preços nunca vistos; artigos que se não são de graça, são quase de borla, pelo menos! Artigos que não mais se poderão repetir, pois ocasiões destas são únicas durante o ano!

Círculo de Iniciação Teatral de Vila Real de Santo António

Por despacho do subsecretário de Estado da Educação Nacional foi sancionada a fundação do Círculo de Iniciação Teatral de Vila Real de Santo António, tendo sido igualmente aprovados os respectivos estatutos.

Trespassa-se

Estabelecimento SPAR Com loja e diversos artigos. Muito bem localizada e com boa clientela. Pode facilitar-se o pagamento. Alugam-se mais 3 armazéns. Tratar com José Pereira Júnior, Estrada da Penha, 43 - FARO - Telefone 416.

papel plissado e os rufãs à mistura com outras matérias-primas. E quanto a trajés! Isso está fora de todos os foliores, porque a menina cabreiras já quer ombrear com a «camp» mais adiantada e moderna do mais moderno, ou pede ao prido, ao pai ou ao tio que lhe mande da França, do melhor que houver no género. Assim sucede, que, algumas vezes, aparece uma fofoca de pétalas de rosas, do mais moderno a cobrir um corpo vestido com um fato de banho de que tempo das criscas» ou um fato de banho moderníssimo que obriga as vizinhas a espreitarem pelo buraco da fechadura; para ficarem a comentar: Já viste a... com o «mbigo à mostra» Mas a menina como é o melhor e moderno vai para a camioneta em fato de banho, mesmo que more nas faldas da serra... Isto está tudo descontrolado, ninguém sabendo onde há-de pôr as mãos... e talvez, por isso mesmo se vêem tantos pés... para o ar.

# «KARSE»

A SEGURANÇA INTEGRAL CONTRA ROUBO OU SIMPLES VIOLAÇÃO DO SEU CARRO

Surpreendente dispositivo que:

- Torna completamente impossível a abertura de qualquer das portas do veículo, do capot do motor ou do porta-bagagens.
- Desliga automaticamente todo o circuito eléctrico do veículo.
- Protege integralmente o carro não só contra o roubo, como também impossibilita a retirada de quaisquer objectos que porventura se encontrem no seu interior.
- Fácil e rápida montagem em veículos de qualquer marca.
- Custo ínfimo em relação às incontestáveis vantagens da sua aquisição.

UTILIDADE RECONHECIDA PELAS ENTIDADES OFICIAIS DA ESPANHA, FRANÇA, SUÍÇA E ALEMANHA

RECOMENDADO PELAS COMPANHIAS DE SEGUROS

PATENTE REGISTADA INTERNACIONALMENTE

Peça uma demonstração aos distribuidores exclusivos para todo o território nacional

## COMPROVEX

RUA DA MISERICÓRDIA, 145-1.º

TELEF. 370287

LISBOA

No Conjunto Turístico Algarvio S. Brás de Alportel tem um papel preponderante a desempenhar se cada são-brasense cumprir a missão que lhe pertence

o TURISMO algarvio é uma prodigiosa realidade que *Jornal do Algarve* em sucessivas e brilhantes campanhas, consecutivamente tem debatido desde que viu a luz da publicidade. Rara é a terra sultista que não manifeste as suas necessidades e exponha os seus problemas e S. Brás de Alportel tem evidentemente a sua quota parte a desempenhar, pertencendo às autarquias locais a propaganda e difusão dos seus méritos, com vista à integração dos nossos valores com significado turístico no conjunto provincial.

A posição sobranceira da Pousada no bico dum cerro que domina o casario esbranquiado da vila frequentada por elementos de raças heterogêneas a que dispensa caloroso acolhimento; as estradas nacionais Faro-Lisboa e barlavento-sotavento que dividem em quatro ângulos rectos o seu dispositivo geográfico; as enormes instalações do Sanatório Vasconcelos Porto na parte setentrional e as nascentes famosas de águas de valor terapêutico, recomendadas pela medicina, (a Fonte Férrea do Alportel, verdadeiro tónico desopilante e a Rocha da Gralheira, auxiliar preciosa na digestão de estômagos delicados) são entre outras uma parte apreciável das nossas riquezas que podemos elevar ao nível turístico, pedindo meças a outras regiões que não hesitam em reivindicar insistentemente a protecção oficial... enquanto nós, tímidas e modestamente, nem abrimos pio. Com medo de quê?

O que nos falta não são com certeza os motivos de beleza pois abundam por aí paisagens maravilhosas nesta região privilegiada. Nota-se sim, um baírrismo doente, esquelético, amparado a muletas douradas enfeitadas de penas de pavão, que não se harmoniza com o ritmo trepidante de vida moderna. Precisamos nesta terra de um trabalho em profundidade, honesto e construtivo que corra a legitimidade das nossas pretensões, enquadrando-as no conjunto das soluções práticas, dando a S. Brás de Alportel a verdadeira expressão do seu potencial turístico, porque tal como está, é uma força morta sem definição e significado.

Onde estão os concelhos algarvios que nesta época estival podem orgulhar-se de ser atravessados por um caudal de água sussurrante e cujas margens de sombras ideais seriam um paraíso se desaparecessem as formigas argentinas? Nesta ribeira há qualquer coisa de poético e de fascinante! Nos pegos de águas azuladas de uma serenidade impressionante evoluem os cardumes de peixe saboroso, sobrevivendo à bárbara e implacável perseguição que lhes é movida numa impunidade que tem algo de estranho. Este curso de água está fadado para desempenhar papel fundamental no turismo local e todo o centro algarvio. Há nele lugar para amadores de pesca desportiva, para campistas e todos os que desejam recreio mental e repouso físico.

Mas cabe a cada um de nós o imperativo dever de formar uma sólida e unida frente, dando caça sem tréguas aos bombistas profissionais, perseguindo e

## Jorge Corvo e a equipa de Portugal elevaram bem alto o ciclismo lusitano

(Conclusão da 1.ª página)

«torcendo» para que desta vez o êxito fosse completo não só para o nosso comprovinciano mas sobretudo para a promissora equipa de Portugal. Já ao final da 2.ª etapa tínhamos a primeira satisfação com a vitória de Laurentino Mendes, logo repetida por Alcino Rodrigo, na 6.ª, Sousa Cardoso, na 7.ª e a camisola amarela já então em poder de Jorge Corvo. E aí que a expectativa aumenta com os argentinos, ameaçando de perto a posição do líder. Mas na penúltima etapa Sousa Cardoso vence espectacularmente consolidando a posição de Jorge Corvo e garantindo

extraordinária compensação ao 2.º lugar de 1959 em Portugal, a 5 segundos do 1.º e novamente ao 2.º lugar de 63, a 25 segundos do 1.º

Jorge Corvo, rejubilante da vitória fazia questão de transferir à sua gloriosa equipa grande parte do mérito da conquista do 1.º lugar, dado que todos os outros corredores foram de um espírito de colaboração mútua impressionante, na defesa do 1.º lugar individual e do 1.º lugar por equipas como aconteceu à equipa portuguesa. A nossa classificação geral foi como todos sabem excelente. Excelente também o generoso acolhimento que a colónia portuguesa dispensou pelo



Finda a prova, Jorge Corvo recebe a visita de dois sócios fundadores do Grúpo Clube de Távira, o sr. Júlio dos Santos, à sua direita e Francisco da Silva Modesto, à esquerda, ambos radicados no Brasil, em Curitiba, de onde se deslocaram, numa viagem de mais de 400 quilómetros, para abraçarem o seu conterrâneo. Na foto, no extremo direito, o dedicado algarvio Horácio Neves Bacedala, representante em S. Paulo do Jornal do Algarve.

os dois primeiros lugares a Portugal. E os 165 quilómetros que representam a 13.ª e última etapa a caminho de S. Paulo já representavam para nós como efectivamente aconteceu, o fecho ideal de uma gloriosa jornada ciclista.

A chegada à meta na Avenida Paulista foi algo de indescritível tal o entusiasmo com que eram aguardados os corredores lusos, que foram apelidados pelos cronistas da «Gazeta Esportiva» de «pedais de ouro» da Volta. Em frente ao novo e gigantesco edifício de «A Gazeta» ainda em construção, do outro lado da avenida uma faixa dizia: os messinenses radicados em S. Paulo saudam o bravo Jorge Corvo, seu comprovinciano.

Era a presença do Algarve no Brasil saudando um autêntico campeão, que atingia o auge na sua carreira vencendo esta prova ciclista internacional de 1.800 quilómetros. As ovações e aplausos eram ininterruptos da parte de brasileiros, portugueses e milhares de estrangeiros que aplaudiam o esforço dos valorosos ciclistas.

Falando com Jorge Corvo disse-nos ele da sua grande satisfação em ter vencido a prova, classificando-a para todos os efeitos «a minha Volta» isto é um 1.º lugar há tanto tempo esperado. Era assim uma

vasto interior do Estado de São Paulo por onde passaram e onde fizeram as suas etapas. Da chegada de São Paulo, não podemos dizer mais, juntando apenas que o frio de 7 a 12 graus foi esquecido pelo calor do entusiasmo e dos aplausos. Enfim recordavam-nos o nosso Algarve e o belo acolhimento que iria dar a Jorge Corvo no seu regresso ao nosso querido torrão natal. Bem o merece. E um herói que saindo da sua Santa Catarina da Fonte do Bispo elevou bem alto o já glorioso nome do Ginásio e do seu ciclismo, do Algarve e de Portugal. — H. N. B.

## Um comentário acerca do alargamento da escolaridade

por FRANCISCO DE LEMOS

Com o novo Plano de Fomento no que respeita ao alargamento da escolaridade até à 6.ª classe, creio — depois de meditar no assunto — que com esse aumento de classes no ensino base teremos que olhar a certos factores indispensáveis nos estabelecimentos de ensino primário.

Temos como exemplo primordial o caso das cantinas escolares.

Nos meios rurais tenho verificado que há poucas posses, ou bastante poucas até, para que a criança se possa alimentar convenientemente; isto vê-se em alguns estabelecimentos de ensino em que há uma cantina para os alunos mais necessitados e se verificarmos são uns 30 ou 40 por cento que comem uma malga de sopa e um pão, na dita cantina.

Mal alimentados todos esses rapazes que serão os homens de amanhã, como poderão subsistir se de manhã (ao café) comem uma chuchas de pão — por vezes duro e bastante pouco — e ao meio dia a malga de sopa e um mal contado pão?...

Outros, por vezes a tiritar de frio, sentados nos degraus da escola a mastigarem um naco de boroa e a beliscar uma já fria sardinha e isto porque a cantina não pode — porque não é subsidiada como o deveria ser — não pode, dizia — considerá-los dos mais pobres — embora o sejam — porque lhes falta os tão necessários fundos.

Quantas e quantas vezes esses rapazes na hora da aula pensam numa boa refeição — porque o organismo clama — e perdem (podemos dizer) a vontade de aprender?!

É muitas das vezes uma má refeição que nos faz pensar mal dessas pobres crianças e creio que não será azeite dizer-se que por vezes os mestres-escolas dizem que um aluno é preguiçoso e... não será... a fome que os obriga a estarem sem atenção para não desperdarem esforço algum?...

Agora mais dois anos — comentam os pais das crianças — que temos que sustentar os nossos filhos e quando irão eles aprender uma arte se têm tempo de escola?

Embora o comentário dos pais encerre algo de verdade, creio que com a nova medida o nosso nível educacional se eleva e possamos assim recuperar os anos de atraso.

Podia a criança ser matriculada no ensino base um ano antes do habitual e assim, se nunca reprovasse, sairia aos doze anos e nessa altura podia também haver escolas profissionais para

que logo após aquela instrução a criança aprendesse uma arte que viria a exercer já com idade superior aos catorze anos.

Outro factor muito importante seria encurtar a distância das escolas para que assim não fossem obrigadas as crianças a caminhar durante quase uma hora — por vezes a chover torrencialmente e com frio de cortar as mãos — para chegarem à escola.

Podem ainda apontar-se algumas escolas que estão por electrificar e em mau estado de conservação para poder permitir o abrigo tanto a alunos como a mestres.

Também a todos os alunos que necessitam deviam ser distribuídos pela Caixa Escolar livros e outro material. Assim creio que alguns pais não necessitariam de «tirar à boca» para comprar esse material de que os seus filhos precisam constantemente durante cada ano escolar.

Para isso poderia a Junta de cada freguesia passar um atestado de pobre — quando o fossem — o que aliás, a Junta sempre faz e ser entregue ao mestre-escola que compraria o necessário e apresentaria as facturas para serem pagas pela Direcção Escolar do distrito a qual por sua vez as remetia ao Ministério da Educação Nacional.

Creio que não passará despercebido este mal notado e pequeno comentário.

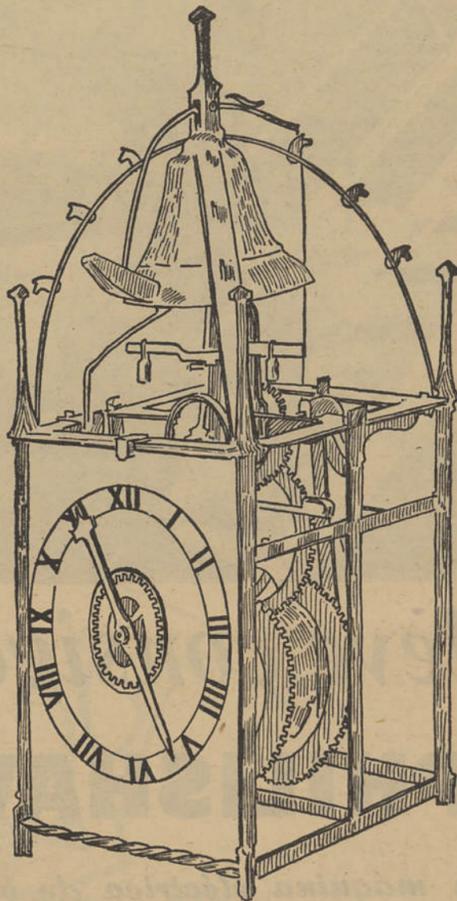
Alfife-Agosto 1964.

OPERAÇÃO ALGARVE-TURISMO AOS Hotéis e Restaurantes

CODORNIZES Gordas — Alta Gastronomia, vende a partir de princípios de Agosto COTURNICULTURA PORTUGUESA, Praca Coronel Pires Viegas, 3 — Telef. 1164 — FARO.

## MONITOR

## A QUALQUER HORA



A ÚNICA FÁBRICA NA EUROPA QUE CONCENTRA O SUMO DOS FRUTOS A BAIXA TEMPERATURA. FRUTO REAL, É RICO EM VITAMINAS, PASTEURIZADO, SEM CORANTES NEM CONSERVANTES, TURVO, CONTENDO FILAMENTOS POR SER FABRICADO COM OS PRÓPRIOS FRUTOS E LEVEMENTE GASEIFICADO



L. SAM PAÇO



Vilarinho & Sobrinho, Lda.  
Janelas Verdes — LISBOA

Beba Água das Caldas de Monchique

É puríssima, digestiva e, ainda, mais económica por qualquer dano no garrafão trazer menor encargo do que qualquer outra para o consumidor.

VAI A LISBOA?

VISITE O

RESTAURANTE TABORDA

É barato e serve bem

Grandes Salões para banquetes

Especialidade em Frangos do Espeto

Rua Actor Taborda, 2 a 16

(Entre o Saldanha e a Estefânia)

Telefone 41359

LISBOA

# Os algarvios e o turismo

(Conclusão da 1.ª página)

melhores condições de preço, foi remédio para «sara» as «feridas», provocadas por tal situação. Verificou-se assim, a indesejável especulação, sempre prejudicial a qualquer sistema económico.

Os algarvios quererão ou poderão compartilhar das vantagens do fenómeno turístico, a longo prazo ou pretendem resultados imediatos? Indubitavelmente, participariam mais facilmente do processo construtivo, se estivessem psicologicamente preparados para o efeito, se tivessem experiência de indústria turística, e ainda, maior espírito associativo, mais poder de iniciativa, maior expansão económica.

O povo algarvio tem condições de adaptação excepcionais, perante a surpresa, e em face da depressão económica de que é vítima teria cometido alguns erros, mas é incapaz de voltar totalmente as costas à sua terra natal; ao contrário, será um «obreiro» admirável na estruturação da sua economia, na consecução da «operação-turismo», com as vantagens perfeitamente justificáveis, de que melhor saberá manter as tradicionais linhas arquitectónicas locais, os costumes, o folclore, etc., mas para tanto, carece de preparação ou ensinamentos, neste «campo», da formação de uma consciência regionalista, de união em empreendimento de certa magnitude.

Na actual conjuntura económica — nacional e regional — urge proceder a uma mutação de actividades, ou seja, a uma transferência de capitais, técnicos, mão de obra, de indústrias em relativa decadência — cortiças, conservas de peixe, frutos secos — para outra embrionária: a turística. Somente nesta medida os algarvios beneficiariam, como lhes é devido, dos benefícios resultantes da prevista corrente de «forasteiros».

Temos assistido à entrega a estranhos desta riqueza e à consequente situação de dependência dos autóctones, no futuro. Simplesmente, por que aqueles têm demonstrado mais espírito de iniciativa, mais especialização, na actividade em causa, e serão detentores de potencial económico. Dir-se-á que são empreendimentos para os quais as disponibilidades financeiras regionais acusam insuficiência. Tal seria de aceitar, num sistema individualista, não em «moldes» associativos, como preconizamos.

A magreza de investimentos de origem nacional na estrutura turística do Algarve, dá motivo a inconvenientes de vária ordem, no âmbito financeiro do País, além das particularidades de carácter sociológico. De momento, é de atentar nos efeitos provocados pelo «fenómeno» no nível de vida da população local. A título de exemplo, vejamos: é sintomático o aumento do custo de vida nas zonas de afluxo turístico, devido, entre outras causas, ao aumento de procura de «bens» sem a correspondente compensação na oferta dos mesmos. Deste modo, o «grupo social», directa ou indirectamente participante, do circuito económico, gerado pela «máquina turística», usufruirá de melhorias de bem-estar, desde que seja operado o progresso na respectiva actividade. Em contrapartida, o «grupo» alheio a este circuito, carece naturalmente de quaisquer benefícios e se não lhe são proporcionados maiores proventos, o seu orçamento padece de desequilíbrio ou «déficit».

Nestas circunstâncias, os algarvios terão de enviar esforços no sentido do seu enquadramento na «nova indústria», segundo as suas possibilidades económicas ou grau de especialização — presente ou futuro.

Certamente, as autoridades tomarão as providências necessárias de modo a obter, entretanto, a estabilização de preços dos géneros de primeira necessidade, dado que a situação dos naturais é melindrosa! Também, todo o sistema de produção de bens é chamado a cooperar, no sentido de satis-

fazer o respectivo aumento de consumos. Este sector necessita de profundas remodelações de aperfeiçoamentos nos actuais «métodos», de modo a aumentar a produção referida e manter o desejado equilíbrio no nível de vida da população local.

A mudança na estrutura industrial da região envolve necessariamente a transferência de mão de obra, especialmente das actividades primárias (pesca, agricultura) para as secundárias (indústrias) com apreciáveis benefícios, no concernente ao bem-estar económico, destes «grupos-sociais», em mutação ou ascensão. Em face da situação demográfica regional e «mercado de trabalho», aquela directriz é mais consentânea, mais humana, mais proveitosa, economicamente, do que a decorrente do fenómeno emigratório!

Pelos estudos económico-demográficos e «Anuário Estatístico», sabemos que o distrito e Faro está incluído no quadro dos «não industrializados» e da sua população activa mais de 50% dedica-se à agricultura, e a propriedade está muito dividida, pelo que só a indústria turística — devidamente planificada — permitiria progresso e correspondente melhoria económica de uma grande percentagem da população.

Uma cadeia de hotéis será implantada ao longo da costa algarvia e, na «orgânica funcional» dos mesmos, não deveria faltar a presença dos autóctones. Mas não é de esperar de um povo dedicado às fainas da pesca, aos amanhos da terra, às tradicionais indústrias, a preparação técnica necessária ao cabal desempenho das respectivas funções. A mão de obra para esta indústria deve merecer portanto especial atenção da parte dos organismos responsáveis. Pelas razões expostas, deve ser dado certo grau de preferência aos habitantes da região, mal remunerados, ou propensos à natural subida, na «pirâmide social».

Uma vez que não haverá a quantidade de pessoal especializado para o previsto «parque hoteleiro», considerada a sugestão de prioridade de mão de obra local, parece seria de ponderar na imediata especialização dos naturais, interessados, criando uma Escola Hoteleira no Algarve, a qual iria de encontro às necessidades dessa indústria, num futuro próximo.

Quanto ao sector directivo ou empreendedor, dispõe o Algarve de uma categorizada «élite» industrial e comercial, com nítidas facilidades de adaptação à complexa indústria do turismo; no entanto, além do que foi dito antes, necessita vencer a inação e abstracção a que está votada!

A transformação do Algarve em progressiva região turística não é um simples negócio de lucros imediatos; trata-se de uma «incorporação» humana, técnica, económica, de acordo com as reais aptidões de cada algarvio, na dinâmica do fenómeno a que nos estamos reportando, cuja indústria e consequente direcção carece de conhecimentos técnicos adequados ou, a presença de colaboradores especializados, pois, além de outras razões, envolve o prestígio do País.

Recentemente, mercê da iniciativa privada, e no intuito de preencher uma lacuna do ensino neste sector, foi criado em Lisboa, o Instituto de Novas Profissões, no qual é professado um curso de Turismo. Também a Escola Hoteleira de Lisboa, fundada há dois ou três anos, tem desenvolvido actividade digna de referência, em relação à melhoria do nível profissional do pessoal hoteleiro.

Para além disto, estamos certamente, perante a criação de uma «obra» que culminará os prodígios da Natureza disseminados pelo Algarve e, tendo em conta as múltiplas subtilidades de cunho regional, somente os indivíduos de boa vontade, oriundos deste romântico lugar da Terra, poderão emprestar a sua sensibilidade, com vista à almejada valorização regional, de maneira mais consciente, mais desinteressada, mais apaixonada!

LUIS FRANCO

# GRANDE CONCURSO DE VINHOS CAMILLO ALVES

## 1 AUTOMÓVEL



## POR 5 GARRAFAS OU 1 GARRAFÃO

Coleccione os selos contidos nas cápsulas das garrafas e nos rótulos dos garrafões.

Habilite-se ao concurso enviando os selos à firma CAMILLO ALVES em cartões que lhe são dados pelo seu fornecedor.

### sorteios semanais

- 1.º PRÉMIO — 1 000\$00
  - 2.º PRÉMIO — 500\$00
  - 3.º, 4.º e 5.º PRÉMIOS — 100\$00
  - 6.º ao 10.º PRÉMIO — VINHOS CAMILLO ALVES
- EM COMPRAS À SUA ESCOLHA

### sorteio final

- 1.º PRÉMIO — 1 Automóvel VAUXHALL VIVA adquirido na LICAR-Lisboa
  - 2.º PRÉMIO — 5 000\$00
  - 3.º PRÉMIO — 3 000\$00
  - 4.º PRÉMIO — 2 000\$00
  - 5.º PRÉMIO — 1 000\$00
  - 6.º ao 20.º PRÉMIO — VINHOS CAMILLO ALVES
- EM COMPRAS À SUA ESCOLHA



O Sr. Contente diz...

Visite na Feira Popular o stand do Grande Concurso de Vinhos CAMILLO ALVES e assista aos sorteios.

## Crónicas do Verão ardente

A CRONICA de hoje não será bem o que se pode chamar uma crónica de Verão. Mas como acontece que, nesta época estival, assim como em qualquer outra, há coisas que nos dão vontade de rir, pelo lado cómico que apresentam, eu vou hoje falar do casamento de uma conhecida moça lá da minha rua, o qual encheu páginas da gazeta lá da terrinha onde a rapariga resolveu «patrioticamente» ir casar...

Constou-me também que no país, onde a moça que eu conheço resolveu consorciar-se, andava já grande alarido porque a filha dum famoso jardineiro tivera, precisamente, a mesma ideia — passar os primeiros dias de noivado no ambiente bucólico da aldeia onde haviam nascido os seus antepassados.

Juntaram-se assim duas bodas ao mesmo tempo, as quais tiveram o condão de proporcionar assunto às conversas de todas as horas, cujos temas, segundo me parece, estavam completamente esgotados, e aos jornais a possibilidade de nesses dias não saírem com as páginas em branco por falta de novidades.

Uma série de coincidências felizes — a falta de noticiário e o desejo natural de satisfazer a curiosidade de todas as soperas lá do burgo — originou que as primeiras páginas dos três ou quatro periódicos lá da Parvónia viessem completamente cheias de gravuras e o relato de pormenores de interesse indiscutível — como seja o número de passos que a moça deu depois de sair do carro até chegar à porta da igreja e as palavras que dirigiu aos naturais do país onde — em boa hora, saliente-se — resolveu dar o nó.

Na minha rua não se fala noutra coisa. E o tema obrigatório de todas as conversas, até porque a Joaquina (é este o nome da moça) enviou para todos os vizinhos vários exemplares dos jornais que traziam as sensacionais notícias.

Numa das gazetas pode ler-se este título na primeira página: «Joaquina, única moça de linhagem que ainda existe, consorciou-se no bucólico templo de Aguas-Moles com o despenseiro-mor do maior paquete que sulca as águas. Várias fotografias ilustravam o artigo, entre as quais se destacava uma em que se viam costureiras limpando as lágrimas dos olhos, à hora em que os noivos saíam da igreja.

O mais engraçado vai ser quando a Joaquina voltar à minha rua. Não estarão certamente lá os jornalistas que foram esperar à estação nesse país maravilhoso onde resolveu casar. Mas todos nós, os seus vizinhos, lhe perguntaremos, familiarmente, «que tal foi aquilo». E já tenho a certeza que ela responderá, com a maior naturalidade deste mundo:

— Eh, boys, aquilo foi formidável. Notícias, fotografias, nada faltou. Só o que falta é juízo àquela gente toda! — T. da L.

## MONITOR

### OS C. T. T. NO ALGARVE

S. Brás de Alportel tem uma nova estação

A bonita vila de S. Brás de Alportel tem um novo edifício dos Correios o qual foi inaugurado com a presença do chefe do distrito, um representante do correio-mor, outras autoridades, pessoas grandes da vila e muito povo. A nova estação foi benvida pelo pároco e trocaram-se cumprimentos entre os srs. presidente do Município e representante do correio-mor.

Foi integrado no quadro e colocado em Vila Real de Santo António, o sr. Joaquim Vieira, guarda-fios de 3.ª classe, do quadro de reserva.

### Terras de regadio

Arrendam-se denominadas «Falcão» e «Prado», no sítio da Aroteia (Livramento). Trata: Dr. A. V. Horta Correia—Vila Real de Santo António.

## OPERAÇÃO ALGARVE-TURISMO

Senhores comerciantes e hoteleiros...

Vêm aí os turistas

Não descurem das vossas existências e garrafeiras

Comprem Vinhos do Porto! mas

# PORTO «SANDEMAN»

O preferido, mais apreciado e procurado por nacionais e estrangeiros

UM PRODUTO QUE HONRA AS BOAS CASAS

Pedidos aos Distribuidores:

## Armazéns Leiria

Telefone 190

# OLHÃO

A Electrónica Marítima Central do Algarve e o navio-feira Sakura-Maru

Deslocaram-se a Lisboa, a convite do presidente da Associação Industrial Japonesa de Feiras Flutuantes e da Sociedade de Reparação de Navios, Lda., os nossos amigos srs. Damásio Simão e Francisco António, respectivamente gerente técnico e gerente comercial da firma, nossa anunciante, Electrónica Marítima Central do Algarve, Lda., que visitaram o navio-feira japonês «Sakura-Maru», para tomarem contacto com os novos equipamentos electrónicos marítimos, especialmente a nova sonda F-850 concebida e fabricada com a finalidade de ser instalada em barcos de pesca costeira.

## COMPRA-SE

Casa pequena na Praia de Faro. Entrega da chave só necessária em 10 de Outubro. Resposta urgente por carta a este jornal ao n.º 4.834.

## Automóvel Aeroporto de Faro

Woseley da série 14, 10 H.P. 4 portas, totalmente reparado de novo.

Vende Rosa & Relvas, Lda., Avenida da República, 176-178 — Telefone 1114 — FARO.

Por decreto-lei, foi fixada a dotação do pessoal especializado para o Aeroporto de Faro que se espera seja aberto ao tráfego dentro de uns três meses.

TINTAS «EXCELSIOR»

# LARANJA

(Aos Proprietários de Pomares)

Crie consciência sobre o que lhe interessa fazer e como deve orientar-se na defesa dos seus interesses, e peça, antes que se esgote, à

PROMALTE — S. João da Talha, Sacavém

que lhe envie, grátis, o ENSAIO que ela acaba de editar sob o título:

«O pomar de laranja e a industrialização do fruto de 2.ª escolha — Resíduo»



# Molaflex

... O VERDADEIRO



Suppliers of:

**Beds**  
**Spring Mattresses**  
**Boxsprings**  
**Head Boards**  
**Pillows**  
**Quilts**

## BEDDING

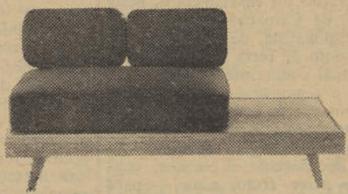
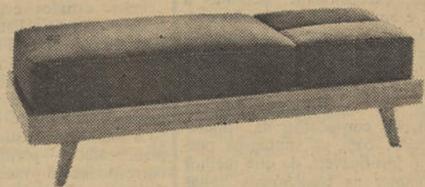
Molas Flexíveis, Lda.

We make home deliveries all over the Algarve coast.

We guarantee deliveries within one week.

First class products.

Sole suppliers to the RITZ, ESTORIL SOL, VASCO DA GAMA and GARBE Hotels and to the Pousada de Sagres.



Visit our stand at OLHÃO: Av. da República, 152 — Telef. 251 — Olhão

Visit our stand at Lisbon: R. Alexandre Herculano, 51 — Telef. 651358

Factory at S. João da Madeira

For contacts with the management:

At S. João da Madeira: Mr. Moreira — Telef. S. J. Madeira 22185

After office — Oporto 680153

At Lisbon: Mr. Weinberg — Telef. Lisbon 651358

After office — Lisbon 688406

## A valorização industrial da alfarroba

Anda a lavoura algarvia muito preocupada com o baixo preço da alfarroba da próxima colheita — 15 a 16\$00 a arroba — contra o de 30\$00, em Itália. Alega-se que o baixo preço da graminha marroquina (cerca de 3\$70 o quilo) justifica também o arrastado preço das nossas alfarrobas.

Quer isto dizer que para baixar o preço de compra, e servindo-se dos benefícios do fimegerado drabaque, compra-se a graminha onde ela é de baixo preço e os salários e o custo de vida, mínimos.

Ora, o que seria para desejar é que se valorizassem os nossos frutos, de acordo com o custo de produção achado por entidades responsáveis, e tal como aqui já expusemos.

Por isso, entendemos que se devia pedir ao laboratório do I. N. de Investigação Industrial, onde trabalham investigadores algarvios, que se prosseguisse nos estudos que conclussem pelo real valor monetário da alfarroba.

Para tanto lembramos os seguintes problemas:

1.º — Valorização do triturado da alfarroba pela sua transformação em álcool, em virtude de serem cada vez menos os consumidores deste produto para alimentação do gado mular e porcino.

De um estudo apresentado à Casa do Algarve, pelas três fábricas de moagem da graminha da alfarroba, de Faro, em 1959 lê-se que se poderia valorizar esta em 8\$00, por arroba, desde que se observasse o seguinte:

«Destinando-se parte da alfarroba produzida à indústria do álcool, não só se normalizariam os preços do mercado, que ficaram influenciados pelo valor que lhes fosse fixado para esta indústria, como também esses preços seriam efectivamente estabilizados numa cotação muito mais elevada.

Ora, cada tonelada de alfarroba concorre hoje para a formação do produto bruto normal com: 100 quilos de semente a 4\$50 — 450\$00; 900 quilos de polpa triturada a 1\$00 — 900\$00, total 1.350\$00 ou 20\$00 por arroba.

Por sua vez, cada tonelada de alfarroba, levada ao fabrico de álcool nas condições requeridas pela fábrica supracitada, contribuirá para aquele produto bruto com: 100 quilos de semente a 4\$30 — 430\$00; 180 litros de álcool a 5\$50 o litro, equivalente a 330 quilos de açúcar — 990\$00; 630 quilos de forragem a 4\$80 o quilo — 504\$00; total, 1.924\$00 ou seja 28\$86 por arroba, correspondente a um aumento de 594\$00, isto é, um acréscimo de 45 por cento do primeiro valor, sem contar com as possibilidades que vem criar a outras actividades industriais do País, quer existentes, quer inexistentes.

Dado o valor cada vez menor do triturado da alfarroba, como forragem, visto que se verificaram alguns inconvenientes na alimentação de alguns animais, parece-nos que um dos caminhos que se tem de seguir, é precisamente promover a sua transformação em álcool, tornando, por outro lado, mais digestíveis os bagaços restantes, o que é possível em virtude de ficarem contendo algum açúcar, imediatamente assimilável, depois de prévia transformação.

Já depois de 1959 o triturado da alfarroba chegou a valer 1\$50 e 1\$60 por quilo, assim se explicando o aumento de preço da alfarroba para cerca de 30\$00 por arroba que é, aliás, o preço por que ainda recentemente o Fundeport diz que a alfarroba de produção italiana se quota no mercado italiano — e que é o país onde se destila a alfarroba para álcool.

Por outro lado, sabe-se que o nosso País precisa de álcool industrial em quantidade que há poucos anos ainda era de cerca de 2 milhões de litros por ano, como aliás disse na própria Assembleia Nacional o nosso deputado sr. coronel Sousa Rosal («Diário das Sessões» n.º 137 de 11 de Dezembro de 1959).

De então para cá a produção de álcool aumentou, mercê do excesso de produção de vinho das últimas campanhas.

Mas entretanto já as entidades competentes tinham proposto superiormente a criação de preços diferenciados para os álcools, consoante o seu destino, como aliás se pratica em bastantes países da Europa. Deste modo elevar-se-ia o preço do álcool de boca e de perfumes, além do actual de 12\$95 o litro, e diminuiria o preço do álcool desnatado e para as indústrias, abaixo do praticado de 10\$90 o litro. Com esta medida até se poderia proteger melhor a cultura do figo; e pelo aumento do consumo de álcool industrial, como por exemplo na indústria de plásticos e outras, poderia estabelecer-se a indústria da destilação da alfarroba, no Algarve, para a sua valorização, como atrás dissemos.

Brevemente, ocupar-nos-emos deste assunto com mais detalhe.

UM LAVRADOR

## BATATAS

De tipo mediano, próprias para semente.

Vende Casa Salmoura, telefone 465 — OLHÃO.

## Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

### EDITAL

JOÃO BARROSO GOMES SANCHES, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António:

Faz saber que, por deliberação tomada em reunião ordinária realizada em 22 de Junho de 1964 e sancionada pelo Conselho Municipal em sua sessão extraordinária realizada em 21 de Julho de 1964, esta Câmara Municipal deliberou, por unanimidade e por sua iniciativa, alienar em hasta pública, que terá lugar no dia 24 de Agosto de 1964, pelas 15 horas, no 1.º andar do edifício dos Paços do Concelho, uma parcela de terreno destinada a construções urbanas e sita a Leste de Monte Gordo, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António.

A parcela de terreno a alienar tem a seguinte área aproximada e confrontações:

LOTE N.º 1/64 — Área aproximada — 875 metros quadrados.

Confrontações — Norte com Rua 9; Sul com terrenos municipais; Nascente com Doutor Joaquim Pena da Costa e Poente com Manuel Cumbreira Correia.

O referido lote vai à praça com o preço-base por metro quadrado de 110\$00, com lanço mínimo de 10\$00.

A alienação é regulada pelas condições da já referida reunião de 22 de Junho de 1964, as quais estão patentes na Secretaria desta Câmara nos dias úteis durante as horas de expediente e até ao dia da hasta pública.

Qualquer alteração ao teor deste edital ou a sua anulação será afixada no local onde o mesmo se encontra patente ao público.

Para constar e devidos efeitos se publica este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

E eu, Abílio José Proença, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho, 23 de Julho de 1964.

O Presidente da Câmara,

JOÃO BARROSO GOMES SANCHES

## Um reparo aos serviços da C. P.

Do nosso assinante na Concelção de Tavira, sr. José Afonso, recebemos a seguinte carta:

Sr. director do Jornal do Algarve  
É de conhecimento geral em todo o Algarve que nos dias 1 e 2 de Agosto realiza-se em Tavira uma feira, que costuma ter uma boa afluência. As empresas de camionagem, no sentido de bem servir, preocupam-se em fazer desdobramentos, etc. Ora a C. P. talvez não possa fazer desdobramentos, mas alguma-se-nos que deve ser possível manter os comboios como em dias normais. Acontece que a automotora n.º 9784-A, que chega à estação de Concelção às 9 horas e 24 minutos, costuma trazer atrelado, pois aquela automotora serve muita gente que tem os seus empregos e necessita chegar a Tavira cerca das 9 horas e 30 minutos. Hoje (1 de Agosto) a referida automotora veio sem atrelado deixando muita gente em terra, o que aconteceu com o signatário que teve de recorrer à camioneta, só lhe sendo possível chegar a Tavira cerca das 10 horas e vinte minutos, quase com uma hora de atraso. Ora se a automotora trouxesse atrelado e viesse cheia havia em parte desculpa. Pergunto: o senhor não concorda em que a C. P. devia organizar melhor estes serviços?

JOSE AFONSO

## MONITOR



HÁ MAIS DE 40 ANOS que esta casa se dedica exclusivamente a fornecer os melhores tipos de lanifícios para fatos de Homem, Senhora e Criança

Se V. Ex.ª ainda não conhece os meus artigos faça uma experiência.

NUM SIMPLES POSTAL PEÇA AMOSTRAS

Condições especiais para funcionários públicos Civis ou Militares

## CHOCADÉIRAS «PAL»

(FABRICO FRANCES)

Eléctricas, petróleo e mistas. 50 a 64.800 ovos. Máximo rendimento. Acabamento esmerado. Preços mais baixos do mercado.

## PINTOS DO DIA

Importação da América, Holanda e Dinamarca durante todo o ano

Para engorda: White Cornish, White Rock, etc. «Híbridos»  
Para ovos: White Leghorn, Rhode Island, New Hampshire, etc. «Híbridos»

Telefs. 321241/325085 H. BRAAMCAMP SOBRAL, LDA. Pr. do Município, 19-2. LISBOA-2



## BRONZISOL

anti-solar

Bronzeará rapidamente a sua pele filtrando os raios solares que provocam queimaduras

Maria Campos

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 24 - AV. DA LIBERDADE, 35 - AV. DA REPÚBLICA, 42-1 - LISBOA

**Não peça um brandy qualquer!**  
**Exija «BRANDY OFFLEY»**  
 (DE SABOR INIGUALÁVEL)  
**Um produto de OFFLEY FORRESTER, LDA.**  
 Casa fundada em 1757 — Vila Nova de Gaia  
 Antiquidade... Símbolo da qualidade...  
 Pedidos aos Distribuidores:  
**ARMAZÉNS LEIRIA**  
 Telefone 190 O L H Ã O

**DE LAGOS**  
 Se no Grémio da Lavoura tudo é sabido, porque pouco ou nada se resolve a contento dos associados?

Tivemos conhecimento da presença de funcionário da J. N. V., competente e dedicado, no Grémio da Lavoura local, que ali se desloca de certo para elucidar sobre facilidades concedidas aos produtores vinícolas. E porque o sr. gerente se mostrou sabedor a ponto de tal funcionário retirar delicadamente sem ter ocasião de explicar em pormenor, o fim que ali o levou, ocorre-nos inquirir:  
 Se no Grémio da Lavoura tudo é sabido, porque pouco ou nada resolve a contento dos associados? Nós, no lugar do sr. gerente, por muito entendidos que nos julgássemos em facilitar aos associados, aceitaríamos e agradeceríamos todas as sugestões e explicações tendentes a mais e melhores resultados. Será por reconhecermos a nossa inferioridade perante os que experimentados em determinados serviços, justo é que os recebamos com o coração nas mãos, como é hábito dizer, para ainda que a pouco e pouco se limarem arestas que a incompreensão de muitas criaturas de dinheiro e poleiro, vem desenvolvendo em todas ou quase todas as actividades comerciais e industriais?

**PARCE MENTIRA MAS É VERDADE** — Parece mentira, mas é verdade, que a firma Canelas e Figueiredo, Lda., tivesse passado a fazer os seus despachos de corticia e consequentes embarques, através do porto de Fátima, quando pela ordem natural das coisas, estava indicado que o fizesse através do porto de Lagos, como aconteceu até meados de Maio findo.  
 O facto comenta-se em desabono do sr. José Ferreira Canelas, lacobrigense sócio da firma e atribue-se à má vontade que o mesmo nutre senão por todos os elementos da actual Câmara, pelo menos pelos vereadores José de Abreu Pimenta, que fornecia barcos e homens para as operações de embarque, e José Bravo dos Reis que efectuava os respectivos despachos. Sempre as questões individuais e partidárias a prejudicarem a indolência, Lagos, pois ao caso não deve ser alheio o terreno em litigio no Rossio de S. João de que nos ocupamos no *Jornal do Algarve* de 11 de Abril findo, em apontamento intitulado «Duas escrituras que têm dado que falar».

Enquanto há vida, há esperança diz o povo, e por isso temos fé que o sr. Canelas reconsidere no prejuizo que representa para a sua terra a continuação dos despachos feitos em Portimão, visto que até para elevar a categoria do porto de Lagos, contém, e muito, os despachos feitos pela firma de que é sócio. Quando da boa vontade prevalece, conjugam-se interesses, removem-se dificuldades, e tal, estamos convencidos virá a acontecer, porque se errar é próprio dos homens, a reparação dos erros eleva e dignifica os que os praticaram.

**A ELECTRO-RÁPIDO AO SERVIÇO DE LAGOS** — Pelo que nos foi dado constatar em visita recente à Electro-Rápido, cujo proprietário Manuel Veirinho de Melo Augusto, promete servir a contento, dando o dinamismo que o caracteriza ficamos com impressão que Lagos passará a competir em material eléctrico, de canalização de água e rádios, com qualquer localidade da Província. Sabemos que outras criaturas que se dedicam ao mesmo ramo de negócio há novem guerra surda, pela competência em preços, mas como Lagos para progredir, necessita, de facto, de competir ao menos com as localidades vizinhas, estaremos com o sr. Melo, enquanto diligenciar servir de forma a honrar-se e a honrar a cidade.

**UM ACORDEONISTA QUE PROMETE** — Leonardo Dias Guerreiro, um jovem, que conta apenas 15 anos, e a promoção de Odifé, iniciou a aprendizagem de acordeão, quando contava apenas 12 anos, em nosso modesto entender, promete na arte dos sons. Ouvimo-lo pela primeira vez, a ensaiar com os «corridos» do falecido conjunto «Arizonas», e, confessamos, as primeiras impressões, fazem-nos antever um acordeonista semelhante a Celestino Marreiros, que segundo consta, o iniciou. Oxalá, pois, vingue a organização do conjunto previsto com este acordeonista, um saxofonista nortenho, um novato em bateria, e os «corridos» do Ari-zonas, porque se tal acontecer, Lagos virá a contar com algo mais para distrair os que aqui desejam passar um período de férias.

**UMA CAMISA QUE NUNCA FOI CAMISA, OU DOIDOS A SOLTA?** — Lagos parece condenada a teatro de cenas incompreensíveis, e, assim, surgiu recentemente alguém a queixar-se perante a G. N. R. de um roubo de camisa praticado há mais de 20 anos, e confessado há uns 2 anos, quando não temos duvida em acreditar que a pessoa indicada como criminoso não o praticou nem o confessou. Sabemos porém que esta foi chamada à presença do sr. comandante do posto da G. N. R., e está deveras indignada pela atitude deste, dado que é do conhecimento público que a queixosa desde há muito tem abalos mentais, que a levam a cenas desagradáveis. Declarou-nos até que está na disposição de não acudir a novas chamadas para evitar falhar ao respeito à autoridade, visto ser incapaz de se manter calma perante atitudes que, em seu modesto entender, contribuem para desprestigiar gregos e troianos.

**CUIDE-SE DO ARCO DE S. GONÇALO** — O arco de S. Gonçalo deve por todos os motivos e mais um, o do conceito geral sobre as virtudes do Homem que foi pescador e santo, conservar-se sempre em estado de perfeita atenção de quem quer que seja. Durante a época balnear, centenas senão milhares de forasteiros passam pelo arco em causa. Afigura-se-nos pois que quer o pavimento, quer as paredes do recinto do arco de S. Gonçalo, devem não dizerem brilhar, mas pouco menos. Acontece porém que só o nicho desperta atenção, e feito que seja o confronto do mesmo com a parte restante do arco e pavimento, a impressão é desagradável.

Cuide-se pois do arco de S. Gonçalo, organizando-se, se necessário, uma escola entre os amigos de S. Gonçalo para que semanal ou mensalmente, um seja responsável pelo estado de asseio. Quando calhar pela porta do signatário, cá estamos.

**OS ESTRANGEIROS QUE PASSAM POR LAGOS** — É satisfatório notar a boa camaradagem que se nota entre nacionais e estrangeiros, especialmente franceses, que passam por Lagos. Recentemente, chamaram a nossa atenção para uma família francesa que almoçava uma sardinhada em casa de pasto

de pouca nomeada; a camaradagem que ali notámos era de tal modo acolhedora que o signatário não resistiu a uns momentos de presença, despedindo-se dessa família como se sua fora.  
**PLACAS DE SINALIZAÇÃO** — Algumas pesas de estatura elevada chamam a nossa atenção para o perigo que oferece uma placa de sinalização que existe próximo à Agência do Banco Português do Atlântico dando que a altura é que se encontra o respectivo disco é de molde a que de pequena distração, resulte um encontro.  
 Outras placas existem talvez em condições idênticas, mas que por colocadas em pontos de menos movimento não oferecem tanto perigo.

**DESINFECÇÕES** — É-nos grato registar que dada a boa vontade do Município, foram recentemente desinfectadas por pessoal habilitado, as zonas de arrozais mais próximo da cidade com o fim de nos libertarmos dos terríveis mosquitos.  
 Bem haja pois, e que a luta contra tão nocivos voadores continue.

**CONTENTAR SIM, DESCONTENTAR NÃO** — Somos pelo contentamento, e assim, pesa-nos constatar descontentes, especialmente quando alcançamos que o descontentamento provém de decisões menos justas. Não conceder a determinado município licença para expor objectos do seu comércio no passeio, quando a poucos metros de distância estabelecimento idêntico expõe artigos, praticamente, do mesmo género, descontenta. E isto aconteceu, recentemente, com reparos do prejudicado que como nós encontramos motivos para tal decisão. Oxalá pois que as coisas se modifiquem, ou ao menos se esclareçam de forma a podermos continuar considerando com isenção os que presidem aos destinos do Município.

**FISCALIZAÇÕES** — Tivemos conhecimento de fiscalizações de certo modo rigorosas, no respeitante a pão e géneros alimentícios, especialmente peixe e carne. O que nos consta sobre os resultados, penaliza-nos, pois as infracções foram bastas, apesar dos nossos constantes lamirés. Não nos regozijamos com o mal alheio, e porque é natural que as fiscalizações passem a ser mais assíduas dados os resultados infelizes das mais recentes, que todos os comerciantes e industriais se convencem da necessidade de cumprir a lei, servindo pois a grei.

**A MOCIDADE PORTUGUESA DO BARREIRO MAIS UMA VEZ HONRA LAGOS COM A SUA PRESENÇA** — Não estamos a par e facto do que se passa com a M. P. do Barreiro. Sabemos porém que mais uma vez honra Lagos com a sua presença. Vimos a sua fanfara acompanhada por grande número de filiados junto ao nicho de S. Gonçalo. Ali, foi prestada homenagem a S. Gonçalo, ouvindo-se seguidamente a fanfara, isto no dia 2 do corrente mês. Consta-nos que mais um período de férias passarão na Meia Praia onde já se encontram há alguns dias. Ao vê-los marchando garbosamente, e em avultado número pelas ruas da cidade, fazemos o contraste com os poucos filiados que ainda temos em Lagos, e isto, porque o delegado Sebastião Dias Murteira não se poupa a esforços para os manter. Não procuramos saber como a M. P. do Barreiro consegue tão bons resultados com os seus filiados, para não nos arriscarmos a referir mais uma vez que em Lagos dificilmente triunfa o que contribua para a boa formação das criaturas.

**UMA PATRULHA DE ESCOTEIROS INGLESES VISITARÁ LAGOS** — Foi-nos dado saber por intermédio de pessoa amiga que uma patrulha de escoteiros ingleses visitará Lagos.  
 Os scouts britânicos que em anos anteriores têm passado as suas férias em Monte Gordo, este ano escolheram Lagos para o efeito. E porque sabemos que a direcção do Hotel Vasco da Gama e a Comissão de Turismo sempre os têm distinguido ali, com amabilidades e facilidades, estamos convencidos que no Hotel da Meia Praia ou qualquer outro estabelecimento de industria hoteleira, bem como da parte da Comissão de Turismo e todas as entidades oficiais e particulares, os sempre prontos da nossa velha aliada encontrarão quanto necessitarem para ficarem conhecendo as belezas naturais da região.  
 A Comissão de Turismo se mais não puder, facilitará aos visitantes um dos seus barcos de recreio para que fiquem conhecendo a Costa de Ouro. A colónia inglesa, decerto algo fará em honra dos jovens patriotas, que se sentirão aqui não dizememos melhor que na sua pátria, mas longe dela, vivendo-a intensamente, para honra sua e nossa.

**Pretende-se alugar**  
 Em Vila Real de Santo António casa nova, para habitação, bem localizada.  
 Respostas a este jornal ao n.º 4.279.

**Espectáculo em Olhão a favor das vítimas do desastre da Linha da Póvoa**

O movimento de solidariedade humana que se gerou em torno das vítimas e familiares do fatídico acidente ferroviário ocorrido em Custóias, encontrou também o seu eco em terras do Sul. Integrado nesse movimento de auxílio aos que viveram tão cruel acidente realizou-se no Parque Desportivo Cristóvão Viegas, em Olhão, e propriedade do Sporting Olhanense um grandioso espectáculo de variedades. A iniciativa partiu do locutor Luís Valentim e do cantor Luís Guilherme, coadjuvados por um grupo de dedicados elementos da Vila Cubista e de um numeroso conjunto de artistas, que graciosamente deram a sua colaboração a tão generosa iniciativa.  
 Muitas centenas de pessoas acorreram ao magnífico recinto, que se encontrava com uma excelente lotação.  
 Pelo palco, e apresentados pelo locutor Luís Valentim, desfilaram os artistas Alberto Ramos, Carlos Nascimento, Cidália Moreira, Filipe de Brito, João Viana, Luís Guilherme, Lidia Albeiro, Maria Amélia Marques, Tristão da Silva Jr., Vitória Maria, o Rancho Folclórico de Moncarapacho, o conjunto marroquino «Les Corsaires», o duo «Os Diamantes», os conjuntos «Os Penumbra», «Os Kubalas», «Verdi», «Det», as orquestras de Elói Mendonça e Isolina Granja, o pianista Vítor Casca, e os guitarristas Fernando de Sousa e Jónatas da Silva.

**Moagens Distilarias Reunidas, Limitada, Modire**

**Notariado Português Cartório Notarial do Concelho de Lagos**

A cargo da Notária Licenciada em Direito Palmira Amaral Seabra

Certifico, que por escritura de dozeito de Maio de mil novecentos e sessenta e quatro, exarada de folhas trinta e cinco a folhas trinta e seis verso do Livro de notas número sessenta b), deste Cartório, foi alterado parcialmente o pacto social da sociedade comercial por quotas sob a denominação «Moagens Distilarias Reunidas, Limitada», abreviadamente Modire, substituindo-se o seu artigo primeiro do pacto social respectivo, pelo seguinte:  
 1.º — A sociedade adopta a denominação de «Moagens Distilarias Reunidas (Modire), Limitada», fica com sede nesta cidade, na freguesia de São Sebastião, no sítio da Ponte.  
 É certidão que fiz extrair e vai conforme ao original.

Lagos, um de Agosto de mil novecentos e sessenta e quatro.

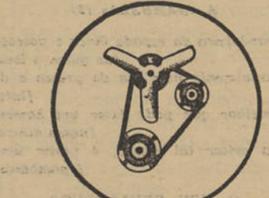
A ajudante do Cartório Notarial  
**LUISA SIMÕES COSTA**

**VENDEM-SE**

7 mil metros de terreno em bom local e casa na Avenida 5 de Outubro. Resposta aos Telef. 323 - 1.087 e 1.529 - Faro.

**CORREIAS DE VENTONHA Fenner**

TIPOS ESPECIAIS PARA INDÚSTRIA, FRIGORÍFICOS AUTOMÓVEIS, CAMIONS, TRACTORES E OUTRAS MÁQUINAS AGRÍCOLAS



COBERTURA INTERIOR NUCLEO A BASE DE BORRACHA CORDAS INTERIORES TOPO REFORÇADO COBERTURA EXTERIOR REPRESENTANTE EXCLUSIVO **AUTO-LUSITANIA** AV. DA LIBERDADE, 73-79 LISBOA

**NAS CULTURAS DA aveia DA cevada DO centeio**  
 UTILIZE **SULEATO DE AMÓNIO**  
 AMÓNIO PORTUGUÊS ESTARREJA

**Câmara Municipal de Vila Real de Santo António EDITAL**

JOÃO BARROSO GOMES SANCHES, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António:

Faz saber que, por deliberação tomada em reunião ordinária realizada em 13 de Junho de 1964 e sancionada pelo Conselho Municipal em sua sessão extraordinária realizada em 21 de Julho de 1964, esta Câmara Municipal deliberou, por unanimidade e por sua iniciativa, alienar em hasta pública, que terá lugar no dia 24 de Agosto de 1964, pelas 15 horas, no 1.º andar do edificio dos Paços do Concelho, três parcelas de terreno destinadas a construções urbanas e sitas a Leste de Monte Gordo, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António.

As parcelas de terreno a alienar são divididas em 3 lotes, com as seguintes áreas e confrontações:

- LOTE N.º 2/64 — Área — 291,60 metros quadrados. Confrontações — Norte, Sul, Nascente e Poente com terrenos municipais.
- LOTE N.º 3/64 — Área — 291,60 metros quadrados. Confrontações — Norte, Sul, Nascente e Poente com terrenos municipais.
- LOTE N.º 4/64 — Área — 291,60 metros quadrados. Confrontações — Norte, Sul, Nascente e Poente com terrenos municipais.

Os referidos lotes vão à praça com o preço-base por metro quadrado de 200\$00, com lance mínimo de 10\$00, fornecendo a Câmara Municipal os respectivos projectos.

As alienações são reguladas pelas condições da já referida reunião de 13 de Junho de 1964, as quais estão patentes na Secretaria desta Câmara nos dias úteis durante as horas de expediente e até ao dia da hasta pública.

Qualquer alteração ao teor deste edital ou a sua anulação será afixada no local onde o mesmo se encontra patente ao público.

Para constar e devidos efeitos se publica este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

E eu, Abílio José Proença, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho, 23 de Julho de 1964.

O Presidente da Câmara,  
**JOAO BARROSO GOMES SANCHES**

**LABORATÓRIO AGROLEICO**  
 AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 55-3.º — LISBOA-1  
 Telefones 73 53 10 PPCA e 73 54 81  
**ANÁLISES QUÍMICO-AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS**  
 DETERMINAÇÕES ESPECTROFOTOMÉTRICAS NAS ZONAS ULTRAVIOLETA E VISÍVEL DO ESPECTRO  
 um laboratório com técnicos especializados  
**AO SERVIÇO DA LAVOURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO**

**Congresso Nacional de Turismo**

de 19 a 24 de Outubro, como já informámos, que se realiza em Lisboa o Congresso Nacional de Turismo — 1.º Congresso de Estudos Turísticos e sob a presidência do Chefe do Estado.

O Congresso funcionará em cinco secções subordinadas aos seguintes temas: I Secção — Formação e Orientação das Actividades Turísticas; II — Desenvolvimento Turístico Regional; III — Valor Turístico do Património Natural e Cultural; IV — Motivações do Turismo — Mercados Turísticos, e V Secção — Formação Profissional e Ensino do Turismo.

O secretariado do Congresso, na Rua Castilho, 149, Lisboa — Telef. 653312 — presta informações sobre o mesmo.

**MONITOR ATUM**

Muxama 1.ª qualidade e atum salgado, diversos tipos. Vende-se na Av. da República, 32 — Vila Real de Santo António — Telefone 129.

**8.ª Jogos Florais (4.ª Nacionais) do Grupo Desportivo da CUF**

O Grupo Desportivo da CUF promove os 8.ª Jogos Florais — 4.ª ao nível nacional — a que podem concorrer todos os indivíduos de nacionalidade portuguesa. As modalidades são as seguintes: Poesia obrigada a mote, poesia lírica, soneto, quadra popular e conto ou novela. Haverá prémios pecuniários e de objectos de arte. O prazo da entrega dos trabalhos termina a 15 de Outubro do corrente ano e todas as indicações podem ser pedidas ao Grupo Desportivo da CUF — Barreiro com a indicação de Jogos Florais.

**FRANGOS**  
 Conseguirá carne de melhor qualidade se os adquirir no «AVIÁRIO» de Heliodoro Nobre Valente em Ourique. Posso fornecer 300 frangos por semana de 800 gramas a 1 quilo e mais de 1 quilo, de qualidade «NICHOLS» — Telef. 21 — Ourique.

Abastecedores & Consumidores

As «gorjetas» e as «taxas de serviço»

1. — O terceiro dos nossos correspondentes a que nos referimos no penúltimo número deste jornal, glossando de certo modo algumas considerações e reclamações...

3. — Aquele mesmo Decreto n.º 21.861, único diploma, repetimos, com referências a gorjetas e gratificações, concede todavia, como vimos, aos gerentes e similares, a faculdade de cobrarem gratificações para os seus empregados...

Vamos procurar responder, o mais resumidamente possível, a estas perguntas, que parecem realmente oportunas e justificadas. E começaremos por fazer algumas anotações prévias e fundamentais, a saber:

A legislação portuguesa regulamentadora de tudo o que diz respeito, directa ou indirectamente, à exploração de cafés, restaurantes, hotéis, pensões e similares é exclusivamente a seguinte: Decreto n.º 19.101 (Regulamento dos Hotéis), de 4 de Dezembro de 1930; Decreto n.º 19.174, de 22 de Dezembro de 1930; Decreto n.º 21.861, de 11 de Novembro de 1932; Decreto n.º 23.115, de 27 de Janeiro de 1934; Decreto n.º 34.134, de 24 de Novembro de 1944; Lei n.º 2.073 (Lei do Turismo), de 23 de Dezembro de 1954; Código Administrativo (artigo 773.º, referente ao imposto de turismo).

Em nenhum dos diplomas legais citados se encontram as expressões gorjeta e taxa de serviço. Esta última oficialmente aparece apenas em alguns contratos colectivos de trabalho do pessoal da indústria hoteleira e similar e nos impressos das tabelas de preços de hotéis, pensões e restaurantes, fornecidos e visados pelos Serviços de Turismo do Secretariado Nacional de Informação nos termos das disposições da Lei n.º 2.073; a primeira nem sequer aparece em qualquer documento dessas espécies.

O Decreto n.º 21.861, porém, refere-se a propinas e gratificações, expressões que encontram-se em qualquer dos restantes diplomas legais acima referidos e que, mesmo naquele, apenas se encontram no seu artigo 1.º, cujo texto é integralmente o seguinte: «Os proprietários ou gerentes de hotéis, restaurantes e estabelecimentos similares que adoptem o sistema de gratificações destinadas ao pessoal por meio de percentagem incidindo sobre as contas dos clientes, são obrigados a afixar no vestíbulo ou entrada, sala de jantar, quartos e quartos e em local bem visível, letreiros em caracteres bem legíveis e em português e em francês e inglês, chamando a atenção dos clientes para a abolição das propinas directas ao pessoal, que ficará sujeito a sanções severas se as aceitar; a adoptar severas sanções contra os empregados que receberem gratificações directas dos clientes seja a gorjeta ou a propina».

Nem o Decreto n.º 21.861, que usa essa expressão, em qualquer outro diploma legal, define o que deve entender-se por propina para os efeitos consignados no texto acima transcrito; por isso, aquela expressão terá de ser entendida, para todos os efeitos legais, no sentido que normalmente é empregada na língua portuguesa. Ora, por exemplo Cândido de Figueiredo, no seu Dicionário, diz-nos textualmente: Propina — gratificação, gorjeta. Gorjeta — bebida com que se gratifica um pequeno serviço; dinheiro para pagar uma bebida; gratificação.

Cotejando todos estes significados, parece facilmente verificar-se que a expressão, gorjeta e propina são sinónimos e significam brinde, oferta, presente, dádiva, mimo, favor, coisa que se concede em sinal de reconhecimento por serviços extraordinários. Portanto coisas que tem de ser, sempre e necessariamente, voluntária, espontânea, dependente da vontade, do desejo, do reconhecimento de quem a dá; e nunca poderá ser obrigatória seja para quem for, nunca poderá alguém ser obrigado a concedê-la se o não quiser fazer.

Nestas condições, e tendo ainda em conta que o texto legal acima transcrito, único que se refere a propinas, gratificações ou gorjetas, também não diz, nem expressa nem tacitamente, que elas são obrigatórias, só é possível concluir-se que, embora legalmente permitidas, são meramente facultativas, dependendo exclusivamente da vontade dos clientes concedê-las ou não aos empregados; e não sendo obrigatória a gorjeta, também os empregados a não podem cobrar de motu proprio, como geralmente por aí fazem hoje em dia, sobretudo nos cafés. Cobrar, por exemplo, 1\$50 por uma chávena de café, quando o seu preço é de 1\$20, considerando o empregado \$30 como sua gorjeta, sem que o cliente expressa, antecipada e voluntariamente lhe tenha concedido, constitui, antes de mais nada, um abuso de confiança; e o abuso de confiança é crime punido severamente pelas leis portuguesas.

Esta gratificação cobrada pelos proprietários e gerentes em forma de percentagem, nos termos do citado diploma legal, que os Serviços de Turismo e alguns contratos colectivos de trabalho designam, como já dissemos, por taxa de serviço; os Serviços de Turismo fixam-na em 10 por cento, mas os contratos colectivos variam na percentagem, indo desde 10 até 15 por cento. Saliente-se todavia, que os presentes estabelecimentos onde essas obrigações não sejam cumpridas, os clientes não são obrigados a pagar a taxa.

4. — Como vimos, uma das obrigações a que têm de sujeitar-se os estabelecimentos para poderem cobrar a taxa de serviço é impedir, sob pena de sanções severas, que as gratificações ou gorjetas sejam recebidas directamente pelos empregados. Como deverá, pois, na prática, ser cobrada essa taxa? Nos estabelecimentos onde normal e usualmente se passam aos clientes facturas das respectivas contas (restaurantes, hotéis, pensões, etc.), a taxa será incluída na factura, em rubrica, separada e bem expressa; nos estabelecimentos onde não é normal nem usual passar facturas (cafés, pastelarias, confeitarias, cervejarias, bars, etc.) há duas maneiras de fazer, uma delas consagrada já pelos contratos colectivos de trabalho a que nos referimos anteriormente. Esta última, que está em uso nos cafés e pastelarias dos distritos do Porto, Aveiro, Viseu e Braga, consiste em os gerentes ou proprietários acrescentarem a taxa aos preços dos artigos à venda, nas tabelas visadas pelo cliente, de modo que, quando o cliente, por lei, tem de estar afixadas nos estabelecimentos, em locais bem visíveis para todos os clientes; estes, assim, pagam aos empregados apenas os preços constantes dessas tabelas e não lhes dão qualquer gorjeta ou gratificação, que já está incluída naquelas.

Outra forma de proceder poderá consistir no seguinte: para poderem cobrar as gratificações em forma de percentagem, os gerentes são obrigados, como vimos, a afixar letreiros bem legíveis e bem visíveis, em português, francês e inglês, letreiros anunciando terem sido abolidas as gorjetas e estas substituídas pela taxa de serviço, sofrendo severas sanções os empregados que receberem gorjetas; ou que, pelo menos, conste das tabelas, aprovadas e visadas pelos Serviços de Turismo, ser devida ali a taxa de serviço, por

ter sido abolida a gorjeta. — Nos estabelecimentos onde não existem esses letreiros ou essas tabelas, os clientes não são obrigados a pagar a taxa de serviço; e não sendo obrigados a pagar taxa de serviço nem a gorjeta, não pagarão mais do que os preços fixados para os vários artigos à venda.

Se no Algarve, além dos hotéis, restaurantes de certa categoria e pensões, nenhum outros estabelecimentos têm tabelas ou letreiros nestas condições, e portanto não podem receber a taxa de serviço, nem os respectivos empregados podem cobrar ou exigir gorjetas, que culpa têm os clientes disso? Quem-se os proprietários e gerentes dentro da lei, porque a lei fez-se para ser cumprida e não para ser desrespeitada...

VENDE-SE OU ARRENDA-SE

Uma propriedade de sequeiro e regadio, com amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras, moradia e palheiro, várias dependências; algumas árvores de fruto, no sítio de Amaro Gonçalves (Luz de Tavira). Tratar com Epifânio Soares Correia, em Monte Gordo, ou com José Correia da Amorira, na referida propriedade.

Alguns poemas do tavirense Abu Otmame ben Hácame Alcoráixi que morreu num naufrágio em Argel

(Conclusão da 1.ª página)

o seu trabalho representa para a história da cultura algarvia:

Meu amigo José Barão

Foi o seu jornal aquele que, há anos, publicou um artigo da minha autoria em que se narrava quanto se sabe sobre a revolta de Ibne Alvaibe de Tavira, facto máximo na história da Tavira árabe.

Permita-me que seja também o seu jornal a revelar aos algarvios alguns poemas de Abu Otmame Saide ben Hácame Alcoráixi, de Tavira.

Como se sabe, Abu Otmame Saide ben Hácame foi um árabe notável de Tavira que nos meados do século XIII, quando os portugueses estavam prestes a entrar definitivamente no Algarve, abandonou a sua terra e seguiu para o Oriente do Andaluz.

Esteve na ilha de Maiorca onde foi primeiro ministro do rei árabe que aí governava. Depois, quando, em 1229-30, Jaime I de Aragão entrou em Maiorca e a dominou, ele passou à Minorca e proclamou-se senhor independente desta ilha onde usou os títulos de almoxarife e de arrais. Uma vez senhor da Minorca, Abu Otmame Saide ben Hácame entrou em negociações com os aragoneses. Conseguiu estabelecer um acordo com eles segundo o qual os cristãos não entrariam na ilha, mas o seu senhor comprometia-se a pagar ao rei de Aragão um determinado tributo. Abu Otmame governou assim a ilha até ao fim da sua vida, durante cerca de 50 anos. Foi um soberano poderoso e prestigiado. Exerceu o poder com acerto e firmeza.

Era poeta e amava a poesia. Os poetas acorriam à sua corte. Um deles foi Alcotair de Loulé que, depois de ter sido expulso de Sevilha por falar demais de coisas que não entendia, esteve em Bugia e finalmente se acolheu à Minorca, junto do seu comprovinciano de Osónoba ou Silves. Os poetas que frequentavam a corte de Abu Otmame louvavam-no nos seus poemas e alguns deles dedicaram-lhe livros de versos tais como «A Copa das Árvores» e «O Espírito da Poesia». A vida em Minorca, no seu tempo, transformou-se num mar de poesia, em que todos poetavam com elegância, Abu Otmame e os seus hóspedes. Uma coisa era proibida: o uso do vinho, pois Abu Otmame, como bom muçulmano castigava severamente os infractores do importante preceito islâmico que proíbe o uso do álcool. Quando, em 1281 Abu Otmame morreu, sucedeu-lhe seu filho Abu Amre Hácame. Este, porém não pôde suportar a pressão dos Cristãos e perdeu Minorca em 1287, quando nela entrou o Conde de Barcelona.

ter sido abolida a gorjeta. — Nos estabelecimentos onde não existem esses letreiros ou essas tabelas, os clientes não são obrigados a pagar a taxa de serviço; e não sendo obrigados a pagar taxa de serviço nem a gorjeta, não pagarão mais do que os preços fixados para os vários artigos à venda. Se no Algarve, além dos hotéis, restaurantes de certa categoria e pensões, nenhum outros estabelecimentos têm tabelas ou letreiros nestas condições, e portanto não podem receber a taxa de serviço, nem os respectivos empregados podem cobrar ou exigir gorjetas, que culpa têm os clientes disso? Quem-se os proprietários e gerentes dentro da lei, porque a lei fez-se para ser cumprida e não para ser desrespeitada...

O. PACHECO

Abu Amre Hácame fugiu então para Almeria, depois para Granada, depois ainda para Ceuta. Aqui tomou um barco que o devia levar, e a toda a sua família, para a Tunísia. Mas este barco naufragou durante uma tempestade, em frente do porto de Argel. Assim desapareceu a família do nobre poeta Abu Otmame Saide ben Hácame de Tavira.

Tudo isto podemos ler nas obras de Ibne Alabar, Ibne Saide Almagribi, Ibne Alcátibe, Al-Himlari e Almacári. Delas extraí este breve resumo de quanto diz respeito a Abu Otmame Saide ben Hácame e sua família. Em folhas soltas lhe envio, para publicação ao lado desta nota, algumas poesias do famoso rei-poeta. Essas poesias nunca foram traduzidas, que eu saiba, do árabe para qualquer outra língua e muito menos para português. Desejando torná-las conhecidas traduzi-as eu, com o auxílio, em certos casos, para esclarecer um ponto difícil ou para confirmar uma interpretação, de amigos meus árabes, diplomados pela Universidade do Cairo.

Estou que seria muito oportuno, agora que se vai realizar em Silves o início do Festival do Algarve, com um recital de poemas arábico-algarvios entre os quais algumas destas poesias estarão incluídas, o meu amigo publicá-las, em homenagem à velha Tavira árabe de que tão pouco se sabe.

Com os meus prévios agradecimentos, aceite um abraço deste seu admirador e amigo certo

José Garcia Domingues

A SATISFAÇÃO FOI O SEU FRUTO
Quando ao amor, a minha maneira de [ser é ocultá-lo. Se não fossem as lágrimas não seriam [revelados os segredos. Não se cansa a minha paciência de [guardar segredos. Mas tão grande é a paixão que não cabe [no seu lugar. Saem com força as minhas lágrimas [quando se incendeia o meu íntimo. O ramo fica molhado quando se atiga [o fogo. (1) Desarvoraram os cavalos do amor, co- [migo, até chegarem ao caminho de Cais. (2) O seu caminho era o caminho da morte. Por Deus, um ramo delgado... (3) O meu coração será para ele, como o [seu lugar próprio. Tornou-se fresco, para ele, o seu ardor. Sedentei-o com os queixumes e depois ofereci-lhe a beber as minhas lágrimas. E a satisfação foi o seu fruto.

BORDADO ORNAMENTAL

Os salpicos de tinta nas vestes do es- [critor são como os sinais nas faces rosadas da jovem de peitos erectos... Não há nada que embelese tanto os [seus mantos. Na verdade, a tinta é o bordado orna- [mental da veste do escritor.

REIS... ESCRAVOS DOS PRAZERES

São estranhos para mim os reis que [se tornam escravos dos prazeres. O que eles querem são as duas coisas [boas. O que eles querem é o prazer do amor [e os beijos (4). Se conseguissem ser mais nobres sus- [tenteriam as suas relações com a mulher no amor [puro. E separar-se-iam dos uniões carnais. Passaram os anos e eles continuam [reis do mundo. Ó! que eles passem como os anos! Não estamos nós senão num deserto [de morte. Guardar-me-ei dos desejos nos desertos.

A «GAMBAZA» (5)

A bandoleira da espada vinca o pescoço [de quem a leva, especialmente num dia de pressa e de [luta. O melhor que pode fazer um homem [nessa altura, para evitar tal moessa, é vestir uma [gambaza. O MEU PENSAMENTO

O meu pensamento neste mundo é for- [mar um homem moral Não permanecer na corrupção E seguir o bem.

1) Fenómeno muito conhecido. O tronco que arde apresenta junto da parte que está a arder uma humidade, libertação da água que continua.

2) Cais é, no dicionário árabe, a figura típica do que morreu de amor.

3) Um «ramo delgado» — na poesia árabe uma expressão que designa a bela, a mulher que se ama ou pretende.

4) A expressão que o poeta emprega aqui é obscena. Preferimos substituí-la por outra, que diz aproximadamente o mesmo. Embora a expressão referida seja obscena a poesia não o é e pode até ser considerada como poesia ascética e de edificação moral.

5) A «gambaza» era segundo Almacári, no Andaluz, uma veste grosseira



Café-Restaurante «CAMPINO» de CUSTÓDIO PEREIRA LARGUINHO ALCÁÇER DO SAL

Alcáçer do Sal, passagem obrigatória para o Sul do País preencheu uma lacuna há muito existente no seu meio, abrindo ao público um magnífico Café-Restaurante com serviço de snack-bar, que consideramos pela sua modelar instalação e serviço um dos melhores da província no Sul do País, com parque de estacionamento.

AGORA QUE O AFLUXO DE TURISTAS SE TORNA INTENSO E QUE DEMANDAM AO NOSSO ALGARVE, TEM EM ALCÁÇER DO SAL, TERRA HISTÓRICA PARA VISITAR, UM MODELAR RESTAURANTE PARA OS RECEBER CONDIGNAMENTE. VISITE O CAFÉ-RESTAURANTE «CAMPINO» Av. Gago Coutinho-Sacadura Cabral — Telef. 236 ALCÁÇER DO SAL

proteja o MILHO das lagartas usando o insecticida



Os prejuizos ocasionados por estas pragas chegam a atingir 85% da produção. Use ENDRIN, insecticida de acção eficaz.

PRODUTOS QUÍMICOS SHELL
DISTRIBUIDORES
FARAUTO Limitada
LARGO DO MERCADO, 49 — FARO — SEDE — TELEF. 969
PORTIMÃO — FILIAL — TELEF. 516

CASINO DE ARMAÇÃO DE PÊRA BOITE
Todas as noites desde 1 de Julho c/ música de dança pelo CONJUNTO DE FERNANDO GUERREIRO.

A «Sagres» em Nova Iorque



28
Orientador: Amadeu M. Coelho
Avenida Oliveira, 119-1.º — Faro
Proposição inédita n.º 32
por Apaixonado — Faro
Atenção à «Flórida» — Faro, Measias, Salvador, e Adelinho Mestre, como sempre aqui têm meus caros amigos resolvam.

MONITOR
que cobria o pescoço. Este termo árabe passou para o português antigo sob a forma de «cambasse» registada por Vi-terbo. No português antigo a cambasse é uma cota com lâminas de metal. «Gambax», no espanhol antigo, era uma túnica que se usava junto à pele. Esta poesia de Abu Otmame acompanhava a oferta de uma «gambaza» a um guerreiro que um dia surgiu ante ele com uma ligeira moessa no pescoço resultante da acção da bandoleira da espada. Jogam as brancas e ganham

IOGURTE VENEZA
«A saúde à sua mesa»
Não se deixe influenciar pela opinião errada de que o IOGURTE é leite azedo. Ele é, sim, um leite fermentado, que alia às excelentes propriedades do leite, a sua flora microbiana, o que lhe proporcionará um dos mais poderosos desintoxicantes do seu sistema intestinal.
À venda no Algarve
Estalagem S. Cristóvão
Lagos
Café Restauração
Café Portugal
Salão Império
Casa Inglesa
Portimão
Fortaleza
Praia da Rocha
Café Aliança
Faro
Café Brasileira
Produtos Alimentares Danúbio, Lda.
Olhão
Café Restauração
Monte Gordo
Pastelaria Império
Vila Real S. António
Café Firmo
Albufeira
Viúva de José dos Reis Vieira
Fábrica de Iogurte Veneza, Lda.
R. Jorge Ferreira de Vasconcelos, 8 — Telefone 763697 — LISBOA

**Bar-Restaurante do Clube Recreativo Lusitano**  
**VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**  
 Arrenda-se nas melhores condições, em virtude do gerente não poder estar à frente. Ótima casa e apetrechada de tudo. Tratar com a direcção.

**ESPAÇO DE TAVIRA**

**BARRACA**

VEM sendo anunciado, por enquanto com pouco desenvolvimento, o I Festival do Algarve, pré-fabricado em Lisboa, ao que parece, e que irá sendo montado em cadeia, neste mês de Agosto, desde Sines à Vila Real de Santo António.

Este festival, com vista ao turismo, compõe-se de algumas peças de uma singularidade exótica e entrecedora, mas não nos vamos deter sobre o fenómeno quanto a Sines, Lagos e Faro, onde, mercê dos deuses da Fortuna, a coisa foi tratada com generosidade. Vamos apenas dar uma mirada à festa despachada para Távira, porque nos toca pela porta e porque, em verdade, vale a pena.

Quando a isto diz o anúncio dado ao público consumidor de festas: «Dia 30, Távira «FESTA DA TERRA» de manhã, processo da Senhora da Saúde, na freguesia de Santa Maria, missa campal, casamentos serranos à maneira tradicional com acompanhamento a cavalo e bênção dos campos; à tarde, cortejo de viaturas e de animais de montaria, ajazados a rigor, à noite, baile do pão e do vinho (prova de vinho em carros), comes e bebes típicos do Algarve e do Alentejo, exibição do coral de Serpa e do rancho de Santo Estêvão e baile ao ar livre abrihantado por bandas de música».

Ora, uma boa parte de toda esta festa colossal — nem sabemos se o povo irá resistir a tanto — mais não é do que a festividade da Senhora da Saúde, lugar de beira serra, a alguns quilómetros de Távira, e que desde tempos imemoriais se vem repetindo tradicionalmente.

Assim, quando se anuncia «FESTA DA TERRA» apetece perguntar: mas qual terra? Távira ou Senhora da Saúde?

Bem sabemos que «TERRA» aqui se reporta a campo, de camponês. Porém, em tal caso, mais acertado talvez fosse anunciar-se o acontecimento assim: «Dia 30, Senhora da Saúde «FESTA DA TERRA», e não chamar para nada o nome de Távira, pois que, ou nos enganamos muito ou em Távira não vai haver festa absolutamente nenhuma».

Tudo leva a crer que a coisa se irá passar inteiramente na Senhora da Saúde, a saber: processo da Senhora da Saúde, não pode deixar de ser lá. E, assim também, a missa campal e a bênção dos campos. Nem fazia sentido que a bênção dos campos fosse lançada sobre o casario de Távira.

Isto de se enquadrar uma procissão, uma missa campal e uma bênção dos campos num festival regionalista, como se disto não houvesse em todo o mundo, é deveras singular, e nem o diabo (cruses, cruses) se lembrava duma assim. Admirados estamos até de que, como então é fim do mês, se houvessem esquecido de enquadrar a «FESTA DA TERRA» no pagamento dos honorários do sacristão. Era em cheio e nunca visto.

Vem a seguir os casamentos serranos à antiga, com acompanhamento à viola, perdão, a cavalo, que vai ser um farfar de folgança para os assistentes, mas certamente não pode deixar de ser lá — Senhora da Saúde —, mesmo porque as destas podiam esperar-se com o ruído do trânsito mecanizado, e lá se iam uns casamentos tão lindos por d'gua abaixo, com padrinhos e circunstantes a caminho do hospital e animais para o alveitar. Portanto, é lá com certeza.

Temos depois o cortejo de viaturas, prato de substancial resistência constituído, calcula-se, por uma bicha de carroças de lavoura — não conhecemos

outras viaturas na região — e cortejo de animais, — cá estão eles outra vez — ajazados a rigor, isto é, desta vez com farda de mescla. Possivelmente os mesmos que ficaram a sua rubula nos casamentos. Ser? Ora isto tudo não pode deixar de ser lá, claro.

À noite baile do pão e do vinho (prova do vinho em carros) comes e bebes típicos do Algarve e do Alentejo.

Este «baile do pão», (mas porquê do pão e não das alfarrobas que é muito mais regional?), suponho que seja esse que se realiza em cada ano na «igreja» da Senhora da Saúde, dentro de um recinto cercado por palissada de canas ao alto que obriga os mirões a pagar o bilhete para ver. Possivelmente serão retiradas as canas e se acaba com essa exploração uma vez que se realiza e oferta, mas é pena.

Sómente estamos com curiosidade de saber qual o repertório que será tocado pelas bandas de música anunciadas para «abrihantar» o baile.

Sim, senhor; isto de bandas a tocar música de dança, é talvez o melhor número do festival. Coisa de arromba. Muita curioso. E claro, também não pode deixar de ser lá, já que nesse dia realiza-se em Távira (cidade) a última das Festas da Misericórdia. Se assim não fosse caía-se na guerra das festas, o que podia levantar reparos internacionalmente.

E lá, também, na Senhora da Saúde, é que estão espalhados pelo campo os carros com os pipos de vinho, de varais no chão, à espera dos que atraídos pela luz bruxuleante do candeeiro de petróleo ali acodem a refrescar a goela.

Ora tudo isto, tirando os pipetos à moda do Alentejo e o coral de Serpa, que não vemos por que cunha conseguiram introduzir-se num festival do Algarve — a eterna cunha —, tudo isto, distamos, é Senhora da Saúde, autêntico.

Tudo isto, e ainda porque Távira é uma cidade que tem o rio no plano, e é atravessada por um rio, pelo que alguns até lhe chamam «Veneza Algarvia», leva a crer que houve forte lapso na designação de Távira para a «FESTA DA TERRA».

Loulé ou S. Brás de Alportel, compreendendo que fossem escolhidas para o «FESTA DA TERRA», visto que são terras bem no interior da «TERRA» do Algarve. Agora Távira, francamente, não vemos.

A menos que tivesse sido na verdade escolhido o local da ermida da Senhora da Saúde lugar ermo e realmente na «TERRA» de beira serra, mas que não é Távira, indubitavelmente.

Deste modo, convém esclarecer bem, a avisar a quantos, que a cidade de Távira não foi considerada para o I Festival do Algarve, e que, em nosso entender, mais justo e respeitoso seria não pôr o nome de «FESTA DA TERRA» à Festa da Senhora da Saúde.

Porque sucederam tais infelicidades? Mistério!... Talvez uma revivescência do velho fatalismo de Távira.

SEBASTIAO LEIRIA

**A SUA SAÚDE VALE UMA FORTUNA!**

**TOME TODOS OS DIAS**

**LOGURTE YALACTA**

Os aparelhos e fermentos YALACTA permitem a preparação em sua casa do melhor logurte, económico e são



**LABORATÓRIOS YALACTA PARIS**

Representante em Portugal:

**EDUARDO NEVES**

Largo do Mestre, 29-3.º (Im. Alvarado) (Ao Campo Starus) - LISBOA - 2 - Telef. 56384

**LISTÉCNICA**

Agência Técnica de Propriedade Industrial Registos de marcas - Patentes de Invenção

Rua dos Anjos, N.º 13 - 3.º - Dto Telef. 54678 - LISBOA - 1.

**AGÊNCIA**

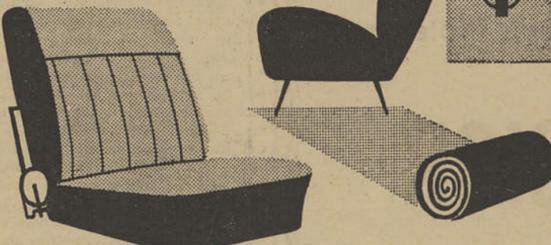
Importante organização de máquinas industriais de hotelaria e similares pretendo agente com organização de vendas e oficinas.

Resposta a este jornal ao n.º 4816.

**no lar e na indústria**



tudo mais fácil e económico COM moltopren®



**ESPUMA moltopren®**

para: MOBILIÁRIO OU ESTOFOS DE AUTOMÓVEIS · ALMOFADAS · TAPEÇARIAS · EMBALAGENS · REVESTIMENTOS · ISOLAMENTOS · VESTUÁRIO · SAPATARIA E MALAS ARTIGOS DOMÉSTICOS-INDÚSTRIA DE TINTAS-COLOCHÕES DE PRAIA E CAMPISMO · USOS DIVERSOS

**ESPUMA moltopren®**

**UM PRODUTO Sundlete**  
 SOC. INDUSTRIAL DE PLÁSTICOS S. MAEME DE INFESTA  
 TELEF. 90 09 33 - 90 11 31 - 90 11 87  
 EM LISBOA: RUA PASSOS MANUEL, 99-C  
 TELEF. 5385 29 - 561 09

Agente no Algarve: **João Uva Sancho, Lda.**

Avenida 5 de Outubro, 62

Telef. 101 OLHÃO

**FIOS DE TRICOT A. NETO RAPOSO**

(FABRICANTE)

Venda directa ao público a preço de fábrica. Grande sortido em qualidades, nas cores mais modernas, aos mais baixos preços!... Escocesa e Shetland a 150\$00, Austrália, Bossa Nova, Robilon, Perlapont, Brillan, Ráflas, Mohair, Jersey Robilon a metro, etc. Enviamos amostras grátis e encomendas à cobrança. Praça dos Restauradores, 12-1.º Dt.º LISBOA

**Câmara Municipal de Alcoutim**

Concurso público para adjudicação da empreitada de fornecimento e montagem do equipamento electromecânico da estação elevatória do abastecimento de água de Alcoutim

**Anúncio**

Faz-se público que no dia 4 de Setembro de 1964 pelas 16 horas, na Câmara Municipal perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da empreitada em epígrafe.

Para ser admitido ao concurso é necessário: — Possuir o alvará de empreiteiro de obras públicas 5.ª subcategoria da V categoria (ou de 8.ª subcategoria da VI categoria), primeira classe ou superior (quando o valor global da empreitada for igual ou superior a 250.000\$00).

— Fazer na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, ou ainda na Tesouraria, o depósito provisório de 2.500\$00 (dois mil e quinhentos escudos) mediante guia passada pelo próprio concorrente segundo minuta anexa ao programa do concurso, e à ordem da Câmara Municipal, em qualquer dia útil durante as horas de expediente.

O depósito definitivo será de 5% (cinco por cento) da importância da adjudicação.

A indicação exterior, a por no sobrescrito que encerra a proposta de preço e restantes documentos, será a seguinte:

«Proposta para a execução da empreitada de fornecimento e montagem do equipamento electromecânico da estação elevatória do abastecimento de água de Alcoutim a que se refere o anúncio datado de 4 de Agosto de 1964».

O programa de concurso, caderno de encargos e o projecto, estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria da Câmara Municipal, na Direcção de Urbanização do Distrito e na Direcção dos Serviços de Salubridade na Rua Conde Redondo n.º 8 em Lisboa.

Alcoutim, 4 de Agosto de 1964.

O Presidente da Câmara Municipal **ANTÓNIO MARIA CORVO**

**Escola de Regentes Agrícolas de Évora**

**Matrículas**

O prazo para requerer matrícula decorre de 10 a 25 de Agosto.

**Têm atraente programa as Festas da Misericórdia de Távira**

Terão início no dia 16 do corrente as Festas da Misericórdia de Távira que durante quinze dias trarão à cidade do Gilão desusado movimento e uma soma notável de visitantes.

O programa pitoresco, com números de agrado geral, das Festas da bela cidade de D. Paio tem vindo a impor-se e constitui hoje um dos mais atractivos divertimentos com que a nossa província conta para satisfação recreativa do turismo algarvio.

Nestas calmas noites de Verão, o jardim e o beira rio, onde as festas têm a sua realização, são lugares aprazíveis e convidativos que darão mais beleza aos espectáculos a apresentar.

A iluminação destes sectores, constituirá também, este ano, um atractivo que prenderá todo aquele que até junto dos tavirenses se deslocar nas próximas noites de 16, 19, 22 e 30, colaborando para a sua mais benemérita obra — o Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

Do programa, que se destrubiu com uma variante de atracções, poderemos salientar a estreia no Algarve do conjunto de twist «Os Gatos Negros», de Vítor Gomes e do Rancho de Paio Pires, além dos já famosos Cortejo Náutico e Corso Nocturno, organizações que muito têm agradado e que os tavirenses vêm procurando valorizar.

Já o ano passado a T V se deslocou a Távira para filmar a «Batalha de Flores Nocturna», voltando a fazê-lo este ano, dado o êxito que a transmissão do filme alcançou entre os telespectadores.

No intuito de proporcionar a todos os algarvios a visita a Távira durante as noites das festas, a Comissão procurou junto das empresas de camionetas assegurar um serviço que permita a ida e o regresso dos visitantes às Festas da Misericórdia, em horas de maior conveniência.

Sabe-se, por outro lado, que se projectam vastas excursões de turistas estrangeiros, organizadas por diversas unidades hoteleiras, o que mais valorizará as Festas da Misericórdia de Távira.



Mlle. Marie-Douce

Especialista Privativa de

*Elizabeth Arden*



recentemente chegada de Londres, resolverá os seus problemas de beleza, na

**FARMÁCIA CENTRAL**

R. Machado Santos, 5-9 Portimão

Nos dias 10 e 11 de Agosto.

**Reuniram-se em Lisboa os agentes da Sonipol que foram informados da instalação de uma fábrica de aparelhagem eléctrica em Portugal**

A presença no porto de Lisboa da Feira Flutuante Japonesa, a bordo do navio «Sakura Maru», deu ensejo à Sonipol, representante da National em Portugal, assim como de outras importantes indústrias nipónicas, a reunir cerca de 600 dos seus agentes, que se deslocaram a Lisboa dos mais diversos pontos do País.

A reunião e o copo-d'água efectuaram-se num dos grandes armazéns da Sonipol, especialmente decorado para o efeito, na Avenida 5 de Outubro. Falou pela Sonipol o sr. Moutinho de Freitas, que agradeceu a presença dos seus agentes, fazendo considerações acerca da vasta gama de material electromecânico da marca National, anunciando por anúncio para muito breve a inauguração, no Porto, da Fábrica Luso Nipónica de Material Electrónico, em sociedade com a firma japonesa Matsushita Electric, para a fabricação em Portugal, de todo o material da marca National. Acerca da inauguração desta fábrica falou, também, o seu presidente da assembleia geral, o deputado sr. António Maria Santos Cunha. Seguidamente, foi projectado um filme sobre a Matsushita Electric.

Além da vasta gama de material electromecânico da marca National, a Sonipol representa, também, as máquinas fotográficas japonesas Canon e Olympique.

**VELA Regatas da Feira de Santiago em Setúbal**

Começam hoje às 15 horas a disputar-se, na magnífica pista de regatas que é a foz do Sado, as regatas de snipes do «I Torneio Santiago» organização do Clube Naval Setubalense.

A vastidão e a beleza das águas, salinas, levemente arripiadas pela fresca nortada, a presença, certa de experientes velejadores do Centro e Sul do País o cunho inconfundível que o Naval Setubalense costuma imprimir às suas organizações, tudo faz prever uma valente série de regatas, espécie de «baptismo» dos novatos, acostumados a correr sempre nas mesmas águas, e de consagração dos vencedores habituais.

A prova será disputada em três regatas, as duas primeiras programadas para hoje, e a última amanhã às 9 horas.

Depois das regatas, realizar-se-á o habitual almoço de confraternização e entrega de prémios, após o que cada um regressará ao seu porto de abrigo com mais uns «ensinamentos» que sempre se colhem.

Felizmente que esta prova, para a qual o Clube organizador teve a gentileza de convidar a esta prova duas tripulações do Algarve: António André e António Martinho, do Sport Faro e Benfica, correndo no velho snipe 7558, agora completamente remocado pelos próprios; Vítor Varela e Silvério Augusto, pelo Ginásio Clube Naval de Faro, no moderno 34955, e Simeão de Sousa, pelo Ginásio Clube de Faro, no velho 7558, agora completamente remocado pelos próprios.

Esperamos poder transmitir aos leitores de «Jornal do Algarve» algumas impressões colhidas «in loco» que é como quem diz, no próprio local das provas.

**A inauguração dos hotéis de Monte Gordo**

Na próxima quarta-feira é inaugurada na praia de Monte Gordo a Residência Catavento, a qual se compõe de 48 quartos, café, restaurante, «snack-bar», pastelaria e garagem para 40 automóveis. No próximo ano será inaugurada a estação de serviço a cargo da BP.

Para a inauguração foram convidados os srs. subsecretário da Presidência do Conselho, bispo da Diocese, governador civil do Distrito, Câmara Municipal e Comissão Municipal de Turismo de Vila Real de Santo António; eng. Alvaro Roquete, director da Secção de Turismo do S. N. I., dr. Ramiro Valadão e arquitecto Lameiro, também do S. N. I.

No dia 20 também será inaugurado em Monte Gordo o Hotel dos Navegadores, nesta primeira fase e para acudir à necessidade de alojamentos, como hotel residencial.

Com mais estas unidades hoteleiras fica a famosa praia sotaventina atamancada nas suas necessidades de alojamento, esperando-se que a burocracia resolva o problema das muitas unidades hoteleiras pedidas e cujos empresários aguardam apenas que os autorizem a meter mãos à obra.

**Capataz Precisa-se na Empresa Comer. A. J. Cabrita Albufeira, preferindo-se quem tiver carta de pesados.**

**Vende-se**

Motor de fora de borda 15 HP. em estado de novo ENVINRUDE vende-se.

Máquina registadora marca RIV em estado de nova, para estabelecimento comercial ou café com registo para dois empregados, e base rotativa, vende-se. Informa José Emilio dos Santos Pardal — Largo do Mercado, 65 — FARO.

**Capataz**

Precisa-se na Empresa Comer. A. J. Cabrita Albufeira, preferindo-se quem tiver carta de pesados.

**Vende-se**

Motor de fora de borda 15 HP. em estado de novo ENVINRUDE vende-se.

Máquina registadora marca RIV em estado de nova, para estabelecimento comercial ou café com registo para dois empregados, e base rotativa, vende-se. Informa José Emilio dos Santos Pardal — Largo do Mercado, 65 — FARO.

**MOVIMENTO PORTUÁRIO**

Vila Real de Santo António

de 7 a 20 de Agosto

ENTRADOS: espanhol «Costa Americana», de 398 ton., de Casablanca, com carga em trânsito; portugueses «São Macário», de 1.039 ton., de Lisboa, com folha de Londres; «Mira Terra», de 568 ton., de Lisboa, vazio; «Lago Enol», de 992 ton., de Cádiz, vazio. SAÍDOS: «Maria Christina», «Mira Terra», e «Silva Porto», todos com minério, para Lisboa; «Costa Americana», com latas de vazio litografado, para Arrecife; «Lago Enol», com palha, para Las Palmas.

**PRÉDIO NOVO**

em Vila Real de Santo António

Vende-se com chave na mão. Consta de r/c e 1.º andar, formando dois gavetos — o r. c. é próprio para grande comércio e 1.º andar para residência. Isento. Ver e tratar com o proprietário no próprio local. Rua do Exército, n.º 11 e 13. — Telef. 305.

Para a campanha Publicitária da v.ª Firma ou Produtos, a

## PAET

tem exclusivos em todo o Algarve

PUBLICIDADE ALGARVE & TURISMO  
Apertado, 14 - LAGOS - Telefone 103

### D'AQUI, RIO ARADE...

#### Os «esps» e os «drags» (I)

NOTICIARAM os jornais, em Maio último, os incidentes verificados nalgumas praias inglesas entre dois bandos rivais de *teddy-boys*: os «rockers» e os «mods». Evidentemente que nós não temos nada a assinalar no género, se bem que por aqui não faltam bandos, não de *teddy-boys*, é certo, mas de gente com idade suficiente para ter juízo e vergonha. Referimo-nos aos «esps» e aos «drags». Vamos tentar em três crónicas definir os dois bandos e dar uma breve explicação da forma como actuam. Ocupamo-nos hoje exclusivamente de uma ramificação dos «esps» a que poderemos chamar os «esps das praias».

«Esp» vem de *esprit*, em francês *voyou*, palavra que também significa tipo afadistado, vadio. Os «esps das praias», como o nome indica, têm o seu campo de acção especialmente nas praias isoladas que, por via do maior à-vontade e contacto com a Natureza que aí se desfruta, são escolhidas por muitos casais, com maioria absoluta de estrangeiros. Possui o bando uma organização para-militar: batedores, patrulhas móveis, serviço de comunicações muito bem montado, binóculos de longo alcance para localizar as «vítimas», etc., etc. Têm também uma hierarquia: grão-mestre, ajudantes, *espreitadas* de 1.ª e de 2.ª classe. Mal comparado, os *espreitadas* da praia actuam como os *peles-vermelhas* quando, no velho Oeste americano, assaltavam as caravanas desprevenidas. (E já repararam como a própria paisagem entre a Rocha e o Vau se assemelha à do Far-West?). Camuflando-se nas cristas das falésias, o *espreita-batedor* vai seguindo as vítimas, sempre à distância, até que elas se acomodem nalgum sítio isolado. Então ele próprio procura para si um sítio estratégico de observação. Normalmente acota-se entre os arbustos, em posições muitas vezes perigosas. Quando a presa está segura, o *espreita* assinala a posição aos companheiros: pode esse sinal ser feito apenas com o fumo dos cigarros — e ainda aqui o *espreita* copia a arte guerreira dos índios comanches. Em breve a posição é invadida pelos restantes *espreitadas* disponíveis, e eis então a nobre, serena e pura paisagem da Rocha, do Vau, do João de Ourém, dos Três Irmãos, desfigurada por uma cáfila ridícula de tipos de *cócoras*, camuflados, *espreitando* a praia horas e horas, à espera sabe-se lá do quê...

A espera, evidentemente, que a polícia dête mão a dois ou três e lhes ministre o correctivo que merecem. Ou que a Comissão de Turismo coloque à entrada da Rocha um cartaz em, pelo menos, quatro línguas, mais ou menos deste teor: «Atenção! Zona interdita aos casais jovens. Pede-se às senhoras que não se dispam na praia. Agradece-se o favor de evitarem rigorosamente o mais inofensivo gesto amoroso, porque há à volta animais perigosos, altamente excitáveis».

CANDEIAS NUNES

#### O espectáculo inaugural do I Festival do Algarve foi transferido para o dia 18

(Conclusão da 1.ª página)

tação e versão portuguesa do arabista algarvio dr. Garcia Domingues. 2.ª parte — Cortes poéticas dedicadas a Luís de Camões. Concepção e encenação do Grupo Fernando Pessoa, sob a direcção artística de João de Ávila. Colaboração de Isabel Ruth, Manuela de Freitas, João de Ávila, Norberto Barroca e João Perry. Acompanhamento musical de Duarte Costa. 3.ª parte — 1.ª audição do «Tempo da Lenda das Amendoeiras», poema de José Carlos Ary dos Santos, expressamente escrito para o espectáculo inaugural. Narração de Maria Manuela Couto Viana e Norberto Barroca. Interpretação de Manuela de Freitas, Isabel Ruth, Ary dos Santos, João de Ávila e João Pires.

É de salientar a colaboração do Grupo Fernando Pessoa, que obtve os melhores louvores da crítica no Brasil e da grande declamadora Maria Manuela Couto Viana.

Enquanto nós olhamos o mar os espanhóis activam as suas pescarias

(Conclusão da 1.ª página)

diversas companhias sul-africanas e espanholas com o objectivo de explorar os bancos de pesca do Atlântico Sul.

A companhia, que tem como porto de armamento Saldanha Bay, na provincia de Cabo, começará as suas actividades nos princípios do próximo ano.

Dentro dos próximos meses chegarão a esta República dois grandes navios de pesca recém-construídos e cujo custo importou em 375.000 libras.

As companhias que constituem o novo consórcio são as sul-africanas, Imperial Cold Storage and Supply Company e Southern Sea Fishing Enterprises, Ltd. e a espanhola Pescanova, de Vigo.

A nova companhia utilizará técnicas revolucionárias no congelamento e refrigeração.

A Espanha enviará os seus dois melhores pesqueiros «Lemos» nas suas primeiras operações de pesca a partir de portos sul-africanos. Pretende-se que os referidos barcos permaneçam largas temporadas no alto mar explorando os bancos de pesca a centenas de milhas da costa.

As experiências efectuadas demonstraram que o peixe congelado a baixas temperaturas, imediatamente após a sua captura, é de melhor qualidade que aquele submetido às outras técnicas agora em uso.

COMPLETOU sete anos de publicação o nosso prezado colega «Jornal do Congo», que se publica em Carmona (Angola), sob a direcção do sr. dr. António Francisco Borja Santos, a quem, assim como aos seus colaboradores, afirmamos a nossa camaradagem e estima ao mesmo tempo que fazemos votos pela longa existência do seu excelente jornal.

## MONITOR

#### FABRICANTES

GRANDES NOVIDADES PARA A ESTAÇÃO CORRENTE

DIOR • FIBRAS • RÁFIAS • ORLON • PERLAPONT • TWIST • DRALON • ALGODÕES, ETC., ETC.

#### SUCESSO NO FIO TRICOLON

Não compre sem confrontar as qualidades e preços dos nossos fios

AV. ALMIRANTE REIS, 4-1.º FRENTE

LISBOA - 1

Peçam amostras grátis

Enviamos encomendas à cobrança



## As redes de abastecimento de água e a acção do ministro das Obras Públicas

por EURICO DOS SANTOS PATRÍCIO

É a água um elemento de primeira necessidade para a sobrevivência de tudo o que tem vida. Dela se utilizam os animais e as plantas e a sua falta traz a desolação e a morte. Nesta ordem de ideias, sentiu o homem a necessidade urgente, desde o primeiro momento, de a conservar e de aproveitar todas as fontes que a forneçam.

A abertura de poços e a sua recolha em rudes depósitos durante as chuvas foram as primeiras maneiras de que o ser humano se serviu para garantir a conservação do precioso líquido e evitar portanto a morte pela sede.

Hoje, graças às maravilhas do progresso, constroem-se por todo o mundo grandes barragens — represas gigantes — que garantem à terra ressequida pela abrasadora estiagem essa milagrosa seiva, geradora de riquezas

que servem a economia e o progresso das nações.

O homem continua hoje à procura do conforto e do bem-estar. Ele emprega todos os meios de tornar agradável a existência. Encontrou já a maneira mais prática e fácil de as populações poderem dispor continuamente do líquido vital. A água hoje vai a todos lares. Uma simples torneira proporcionava-nos aquilo que é imprescindível à vida, à higiene e à saúde.

Está esta tarefa confiada aos governos das nações. Eles têm a obrigação de garantir a todos os cidadãos a existência do elemento cuja carência gera a morte ou a destruição. Por isso os governantes se empenham, em todo o mundo, por instalar redes de abastecimento domiciliário de água em todas as parcelas dos seus países, desde as maiores cidades às mais escondidas aldeias.

São dispendiosos estes empreendimentos. As edificações de barragens custam milhares e milhares de contos. Mas isso não impede que elas se construam e tanto é assim que hoje o Algarve já dispõe de algumas barragens que contribuem para a elevação do nível de vida dos naturais, aumento de produção, etc.

Neste capítulo de progresso no nosso País tem o sr. eng. Arantes e Oliveira desempenhado um papel de tal modo relevante que só o futuro e uma História conscienciosa da vida do País após a implantação da República poderão avaliar em toda a sua extensão. Tenha cada um de nós as ideias que tiver, será injusto se não reconhecer o valor da obra do sr. ministro das Obras Públicas, que é, incontestavelmente, merecedor da nossa mais profunda gratidão.

Ainda há poucos dias S. Ex.ª se deslocou, mais uma vez, ao nosso Algarve para nos dar a honra de inaugurar redes de abastecimento de água em diversas localidades e provar que se prossegue na luta pelo ressurgimento do País traçada pelo estado novo.

Os algarvios estão reconhecidos ao sr. eng. Arantes e Oliveira. O ministro das Obras Públicas que há anos serve o País é — a história se encarregará de mostrá-lo — um dos vultos dignos de figurar na galeria dos grandes homens que, ao longo de oito séculos de existência de Portugal como nação independente, se entregaram a si mesmos a bem do progresso pátrio.

É isto que, acima de todas as coisas mesquinhas, não podemos esquecer. Nunca será demais repeti-lo.

## LOTES DE TERRENO

EM PORTIMÃO, JUNTO DA AVENIDA, EM CONSTRUÇÃO, PORTIMÃO-PRAIAS DA ROCHA. URBANIZAÇÃO COM ÁGUA, LUZ, ESGOTOS E RUAS DEVIDAMENTE ASFALTADAS.

TRATA: ALBAR — RUA MOUZINHO DE ALBUQUERQUE, 67 — TELEFONE 791 — PORTIMÃO.

## HOTEL DAS CARAVELAS MONTE GORDO

Para as pinturas desta excelente unidade hoteleira foram preferidas as

### «TINTAS EXCELSIOR»

que igualmente foram utilizadas na pintura dos

- Hotel Vasco da Gama (Monte Gordo)
- Hotel do Garbe (Armação de Pêra)
- Hotel da Baleeira (Sagres)
- Hotel Espadarte (Sesimbra)
- Hotel Cibra (Estoril)
- Residencial Triângulo (Quarteira)
- Residencial Cmar (Armação de Pêra)

Tintas e Vernizes «EXCELSIOR» para os mais variados fins

### FÁBRICA DE TINTAS E VERNIZES «EXCELSIOR»

Travessa do Giestal, 22 — Telefone 637106 — LISBOA

DELEGAÇÃO NO ALGARVE

SARMENTO, SANCHO & VENTURA, LDA.

Avenida 5 de Outubro, 62 — OLHÃO — Telefone 101

«Quando boa qualidade é exigida, «TINTAS EXCELSIOR» estão presentes»

#### BRISAS DO GUADIANA

## Apontamentos

#### O Verão e a Praça do Marquês

Nestes domingos em que milhares e milhares de forasteiros cruzam as ruas da vila, emprestando-lhes o movimento dos grandes dias, foi medida louvável aumentar o aspecto festivo da terra com a iluminação da fachada do edifício da Câmara Municipal. Se não resultasse muito incómodo, usaríamos lembrar que neste particular da iluminação domingueira se atendesse também ao obelisco, nosso único atributo de valia no plano monumental, colocando-lhe os projectores que nos dias feriados lhe realçam a harmonia simétrica das linhas.

#### ... e os jardins da Avenida

Tomou feição característica e «elitista» escolhida, o «banco familiar». É que a par da comodidade quantitativa oferecida pelas anormais dimensões e da particularidade de com um simples virar de cabeça permitir a contemplação do rio, da Avenida e dos jardins, tem a de deixar ver os trejeitos e carateras de aborrecimento dos incautos que anidam se dirigem ao «repuço» fronteiro em procura de um gole de água que lhes mate a sede e que continue a primar pela ausência.

Há já tempo que o banco que no jardim se situa frente ao antigo Café Segura tem uma travessa a menos, o que por vezes origina situações embaraçosas. Numa destas noites, um casal que havia largos minutos procurava local para sentar-se, viu ao longe o banco vazio e para ele se dirigiu em doida correria, com receio de que outros se lhe antecessem. Descobriu por fim que o banco estava livre por não oferecer as elementares comodidades, lá se decidiram, um tanto envergonhados e contrateitos, a nova peregrinação que acabasse por dar-lhes o desejado assento.

Virá ainda muito longe o dia em que no mais bonito recanto dos jardins nos orgulhemos de mostrar ao visitante, e a nós próprios, o busto esculpido da

grande poetisa vila-realense Lutegarda Guimarães de Caires? E que não estará ali de mais essa nossa única nota de espiritualidade, a homenagem quem, com tanto brilho, soube cultivar as coisas do espírito.

#### ... e a Rua dos Mosaicos

Maior admiração que a provocada pelo chapéu da senhora francesa que, qual parada carnavalesca, parecia levar sobre si um pequeno jardim zoológico, foi a que conseguiu provocar a senhora que levava preso por uma trela, qual cãozinho de luza, um engraçado petis de escassos anos. E os comentários que se escutavam quando o petis, perdendo o equilíbrio, andava com as mãositas no chão...

A apreciar tudo isto, dominando o passeio instalada na sua estratégia e semi-perpétua cadeira, a impávida e serena senhora de sempre, que ia ainda com sol para a esplanada a fim de ali não perder o seu lugar à noite.

Além da varredura da praxe, o tal estabelecimento continua a esfregar e a baldear conveniente e periodicamente a zona mosaizada que lhe fica junto, a qual mostra assim um asseio, uma limpeza que gostaríamos de encontrar em toda aquela típica artéria.

Que disser do serviço dos criados que incluem logo a gorjeta que lhes parece justa, ao apresentarem a conta ao freguês? Que é um serviço funcional, actualizado, bem do nosso tempo!

Facto notado e comprovado por muita gente: entre tanto forasteiro, quase custa a encontrar um vila-realense nas esplanadas e no passeio mosaical.

Consta que vão começar finalmente as esperadas obras na esquina do tapume. Oxalá assim seja, para embelezamento da esquina e da própria rua. — S. P.

N. do A. — Depois de escrito e paginado o apontamento sobre o «repuço», soubemos que fora reparado, mas que a água continua sem a frescura desejada.



## PERUTZ

### MAIS FOTOGRAFIAS BEM TIRADAS NUM SÓ ROLO PERUTZ

um nome antigo com novas fórmulas

A venda em todas as casas da especialidade

On sale at every photographic shops

Representante em Portugal: F. COSTA, LDA.

Rossio, 74-3.º-Dto. — Telef. 55555 e 50877 — LISBOA

